

EEXTRAAA: POLÍCIA INVESTIGA TRÁFICO DE COCAINA NO CONGRESSO!

O PROBLEMA É QUE A INVESTIGAÇÃO PODE VIRAR PO!



BRASIL AGORA



ANO I Nº 9

FEVEREIRO DE 1992 2ª QUINZENA

CR\$ 1.600,00

PRIVATIZAÇÃO DA AÇOS FINOS PIRATINI: A MARACUTAIA CONTINUA

PÁGINA 7



CHINA: LINHA DURA NA POLÍTICA, ÊXITO NAS REFORMAS ECONÔMICAS.

PÁGINA 11

ESOTERISMO: EFEITOS DA CRISE OU RENASCIMENTO DO ESPÍRITO?

PÁGINA 13



A GRITARIA CONTRA O IPTU E SUAS RAZÕES INCONFESSÁVEIS

PÁGINAS 8 A 10

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Considerando a proximidade das eleições municipais, o aumento do nível de interesse da população por este processo e o acúmulo das administrações petistas, sugiro que seja reservado mais espaço no **Brasil Agora** para a abordagem deste assunto. A publicação sistemática de entrevistas com nossos prefeitos, a divulgação de pesquisas de opinião, análises sobre as nossas experiências seriam um instrumento valioso e prático, de grande alcance no processo político em curso, quando procuramos popularizar o debate sobre a questão democrática e popular. Parabenizo os companheiros do **Brasil Agora** pelo excelente trabalho que estão realizando.

UBIRATAN DE SOUZA
Teresópolis, RJ

DESAFIO VITAL

Compreender a comunicação como um direito social, lutar por ele como fazemos por melhores salários, por uma educação pública, gratuita e de boa qualidade, é objetivo básico que todo militante petista deve perseguir. Mas não é o que vem acontecendo. Basta dizer que o PT ainda não incorporou às suas discussões e à sua cultura política o necessário debate sobre os meios de comunicação de massa e a sua relação com a produção cultural da sociedade.

Ainda agora o Congresso discute a nova Lei de Imprensa e o Conselho de Comunicação, órgão criado para atuar junto ao Congresso. É um assunto de vital importância para toda a sociedade brasileira.

Os sindicatos, as universidades, os movimentos populares também precisam se conscientizar da importância e do papel cada vez mais decisivo que a comunicação de massa vem ocupando no espaço social. A mídia exerce forte influência e controle ideológico na sociedade.

Daí a necessidade de discutirmos questões como o revigoreamento e aprimoramento dos sistemas de comunicação alternativos, de organizarmos nossa intervenção nos grandes meios de comunicação, de discutirmos o monopólio do Estado na comunicação, de tentarmos conceituar e entender a comunicação como uma conquista social. Eis alguns desafios que devemos transformar em matéria de debates no nosso cotidiano político.

MAURÍCIO CHELI
Curitiba, PR

ENGAVETADO

Como o atual ombudsman



da Folha de S. Paulo não cumpre a sua função, assumindo apenas o papel de porta-voz do jornal, nada foi comentado a respeito da cobertura do jornal ao Congresso do PT. As minhas críticas com toda certeza morreram em alguma gaveta da redação. Muitas das matérias publicadas pela **Folha** sobre o PT carecem, além de objetividade jornalística, da exatidão teórica e política. A polêmica social-democracia/socialismo no interior do PT é tratada constantemente de forma medíocre - assim como tudo que não interessa à **Folha** e serve para descredenciar os seus adversários políticos.

SALVADOR EUGENIO
Campinas, SP

ALGO ERRADO

Existe algo errado no 1º Congresso do PT. O fruto do Congresso Estadual no Rio de Janeiro não exprime o que pensa a maioria ali presente. É verdade que foi democraticamente aprovada uma tese, mas não é verdade que seja democrática, pois foi concebida por um pequeno grupo. Por mais que se tente, ela não pode ser considerada o fruto de um congresso democrático.

BETO MEIA LUA
Rio de Janeiro, RJ

NOSSOS DIREITOS

Em primeiro lugar, quero parabenizá-los pelo jornal **Brasil Agora**, sempre comprometido com a verdade e com o direito, num país onde tais palavras são tão pouco ouvidas.

Sou filiado ao PT em Sarandi e secretário do núcleo de base. Apesar de ter sido fundado há vários anos, o partido está começando a se organizar agora. Aqui em Sarandi conseguimos incomodar o poder público, exigindo os nossos direitos. Fomos impedidos de realizar uma festa de confraternização entre trabalhadores, numa das avenidas na cidade. Protestamos! Não há dúvidas de que se trata de perseguição política.

Por isso escrevi um artigo no **Diário de Maringá**, assinado também pelo Diretório Municipal, que teve grande repercussão, sendo lido e comentado por grande número de pessoas, tanto em Sarandi como em Maringá. Fatos como este não devem passar em branco, pois servem de exemplo para nossa luta cotidiana.

FLÁVIO DONIZETI BATISTA
Sarandi, PR

ESTRELA NO FUNDO

Parabéns pelo jornal **Brasil Agora**. Apenas penso que a estrela do jornal precisa fazer melhor para poder brilhar. O símbolo foi ignorado, gostaria que aparecesse como fundo da página toda.

JOÃO JORGE ERHART
Curitiba, PR

SUGESTÕES (1)

É satisfatória a aceitação do **Brasil Agora** na comunidade cruzeirense. Temos duas propostas que o tornarão ainda melhor. Primeira: visto e lido por todos como sendo um jornal do PT, por que não colocar nossa estrela na capa? Segunda: Gostaríamos que o **Brasil Agora** apresentasse a cada número o desempenho das nossas prefeituras. Precisamos de informações. Vamos mostrar como o PT administra.

Publicamos no **Optei Cruzeiro**, informativo do Diretório Zonal, uma propaganda do **Brasil Agora**. A militância tem de aceitar de corpo e alma essa tarefa, das mais gratificantes: fazer crescer o jornal, através de campanhas de assinaturas.

NÚCLEO DE BASE HENFIL
Cruzeiro, DF

SUGESTÕES (2)

A vontade de fazer com que o jornal **Brasil Agora** "pegue" e se transforme de vez em um jornal de sucesso me fez enviar as seguintes sugestões:

A "cabeça" do jornal não pode estar mudando a toda hora. A cor do quadro e do nome do jornal devem ser definitivas. A marca permanente ajuda a identificar o jornal, principalmente nas bancas.

Podemos caprichar mais nas capas. A fotografia em branco e preto deve ser melhor utilizada.

As tiras laterais são boas para as matérias curtas, mas as letras miúdas não conseguem destacá-las das matérias longas. Talvez seja conveniente usar a cor amarela como fundo.

Para atrair mais leitores, o jornal poderia convidar escritores, petistas ou não, para escrever crônicas. Os escritores de 1968 têm belas histórias daquele momento trágico.

MILTON JOSÉ WANDERLEY
Patos, PB

SUMA IMPORTÂNCIA

Sou petista e acho importante as organizações populares, como alternativa à burguesia. A área da comunicação é de suma

O PARTIDO AGORA FICOU MAIS UNIDO.

O PARTIDO DOS TRABALHADORES resolveu investir alto na comunicação. E para isso lançou um jornal nacional. **BRASIL AGORA** veio para dar o outro lado da notícia, com a clareza que os jornais diários não dão.

É o **DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PT - RIO**, que já tinha um boletim mensal, reformulou todo o seu informativo: um projeto gráfico dinâmico e de qualidade com muito mais páginas e muito mais informações. Procure o D.M. ou então a sua Zonal e assinie o jornal **BRASIL AGORA** e o **PT RIO - BOLETIM DO DIRETÓRIO MUNICIPAL**.

O PT vai ficar mais unido através da Comunicação.

DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PT - RIO
Rua Visconde de Inhaúma, 134/1033
Centro - Rio de Janeiro - Cep 20091
Tel.: (021) 233-9378 Fax: 316 1762

Fac-símile do cartaz lançado pelo Diretório Municipal do PT-RJ

importância atualmente. Um jornal de âmbito nacional é fundamental.

GERSON KAPPEL
Lajeado, RS

BEM DEMOCRÁTICO

Gostamos muito do jornal, está bem democrático, mas somos da opinião de que é possível atingirmos uma maior população dando espaços a outras forças democráticas do país.

Gostaríamos que fosse estudada uma forma mais acessível em relação ao preço do jornal, para atingir um maior número de leitores. Também gostaríamos de maior agilidade na distribuição, para que nosso importante meio de comunicação atingisse todo o país.

ADELMO FAUSTINO DE BARROS
Cândido Mota, SP

CUMPRIMENTOS

Sucesso na empreitada. O jornal é ótimo.

ELIZABETH HENDERICK
Curitiba, PR

ALEGRIA E DECEPÇÃO

A nossa alegria foi imensa com o surgimento do **Brasil Agora**, mas qual não foi a nossa decepção quando constatamos que não era este o jornal que es-

perávamos. O nosso desejo era e é que fosse um jornal de massa, popular, dirigido à maioria da nossa militância e com artigos mais curtos. Alguns numa linguagem de peão. Achamos que o jornal deve ser mais barato e atraente.

CRISTÓVÃO RIBEIRO DA FONSECA
São Paulo, SP

ZÉ BONITINHO

O jornal **Brasil Agora** fala da nossa realidade, onde o trabalhador é triturado pelo "Zé Bonitinho" que é o nosso presidente, que só olha para a elite macabra que está matando o povo de fome e raiva.

ADEMIR RODRIGUES DE LIMA
Lunardeli, PR

MELHOROU, MAS...

A qualidade do jornal, no seu aspecto visual, melhorou muito. Entretanto necessita aprofundar a utilização de fotos, e a matéria central deve estar recheada delas para dar tesão de ler.

DANIEL RODRIGUES
Recife, PE

VALE O COMEÇO

Aguardo um jornal mais popular, mas valeu ter começado.

BENEDITO PREZIA
Águas de Prata, SP

REGISTRO

Recebemos e agradecemos o convite do Sindicatos Trabalhadores Rurais de Santarém e do Centro de Apoio ao Movimento Popular e Sindical (Campos), para a inauguração do Centro de Formação e Treinamento Agrícola Francisco Roque de Lima. Recebemos também a publicação do gabinete do deputado estadual Antonio Fuzzato (PT-MG) e o informe "Tempo de memória, tempo de compromisso", do bispo D. Pedro Casaldáliga, assim como o **Boletim Informativo**, do vereador Marcos Chiovetti, do PT de Jarú, Rondônia.

DIRETOR: JOÃO MACHADO. **EDITOR:** RUI FALCÃO. **EDITOR DE ARTE:** JOCA PEREIRA. **ARTE:** BEATRIZ PESSÔA, CELSO MADEIRA. **REDAÇÃO:** FLÁVIO AGUIAR, MOUZAR BENEDITO, RAIMUNDO PEREIRA, VALTER POMAR. **SECRETÁRIA:** ADÉLIA CHAGAS. **COPIDESQUE E REVISÃO:** FÁBIO DE LIRA e CELSO CRUZ. **DIGITADORAS:** ELIZABETE D. DA SILVA. **EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:** CACO BISOL e SILVANA PANZOLDO. EDITORA PÁGINA ABERTA LTDA. **BRASIL AGORA** É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL. - ALAMEDA GLETE, 1049. **DISTRIBUIÇÃO:** FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S.A. RUA TEODORO DA SILVA, 907 - TEL: (021) 577-6655 - CEP: 20563 - RIO DE JANEIRO, RJ. **GERENTE GERAL:** HUGO SCOTTE. **ADMINISTRAÇÃO:** M^{te} ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO:** ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 220-7198/222-6318. **CIRCULAÇÃO:** PAULO SOLDANO. **EXPEDIÇÃO:** PAULO E. SOLDANO. **ASSINATURAS:** TEL: 223-2974 e 2207718. **SERVIÇOS GERAIS:** EUSILANDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCIENE B. SILVA. **FOTOLITO:** ED. ARTE. **IMPRESSÃO:** FTD. **COLABORADORES:** ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, ANTONIO

BRASIL AGORA

MARTINS, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLUS, CINTIA CAMPOS, DENISE NEUMANN, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, GABYRU, GENARO URSO, IVAN SEIXAS, ISAAC ACKSELRUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ AMÉRICO DIAS, JOSÉ ROCHA, JUAREZ GUIMARÃES, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO ANTONIO SCHUSTER, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSKIND, MARINGONI, MARISA MELIARI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNILLIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, ROGÉRIO SOTTILI, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL. **TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 28 DE FEVEREIRO DE 1992. **JORNALISTA RESPONSÁVEL:** RUI FALCÃO

A elite continua a mesma

O grito contra o IPTU, para além de uma disputa eleitoral visando impedir que o PT continue a governar, reflete uma tomada de posição das elites contra a progressividade dos impostos. Distribuição de renda, nem pela via fiscal, sinalizam as classes dominantes, tradicionalmente empenhadas em manter privilégios arraigados.

A campanha contra o IPTU é retratada na reportagem de capa desta edição, no relato vivo e literário de Raimundo Pereira e Antonio Martins (páginas 8, 9 e 10).

"Aços Finos, moedas podres" (página 7) mostra que a privatização do governo Collor prossegue em marcha batida, alienando patrimônio a troco de nada e engordando monopólios privados. Neste último caso, foi para o grupo Gerdau, o maior complexo siderúrgico particular do país.

Recém-chegado da China, o economista e deputado Aloísio Mercadante (PT-SP), mostra como os chineses, na "etapa primária do

socialismo", têm conseguido coabitar com o capitalismo, com o mercado e a propriedade privada, sem arranhar o modelo politicamente fechado e autoritário. A coexistência dos dois sistemas tem assegurado à China um crescimento ininterrupto de 7% ao ano na última década - taxas sustentadas num ingresso de capitais que supera os 40 bilhões de dólares no período (página 11).

Chamo a atenção para o artigo de Maria Victoria Benevides (página 3), sobre o fim do mito Jânio, último presidente eleito antes do golpe militar, e cujo estilo guarda semelhanças com o do primeiro presidente eleito diretamente após o golpe, Collor de Mello.

Na última página, uma entrevista com o polêmico escritor Júlio Chiavenato, para quem o povo também tem culpa no cartório pela situação do país.

O EDITOR

A ILUSTRAÇÃO DA CAPA É DE WALTER ONO

OPINIÃO

Fim de um mito

O legado de Jânio Quadros, presidente da renúncia.

A morte de Jânio Quadros motivou a retomada de temas recorrentes em nossa história contemporânea: populismo e autoritarismo, fragilidade institucional, personalismo e elitismo dos dirigentes e, em contrapartida, a deficiência da cidadania e de educação política.

Tais questões são relevantes e requerem uma discussão aprofundada e constante, até mesmo porque as mazelas continuam, firmes e polêmicas. Pretendo, apenas, rever indagações menores e mais específicas provocadas pelo desaparecimento do ex-presidente, também lembrado como ex-prefeito de São Paulo, reeleito em 1985. Pergunta-se: o que teria acontecido se Jânio não tivesse renunciado em 1961? Por que o povo, que o elegeu triunfalmente, não reagiu? Quem são os herdeiros do jânio? O que existe de comum entre Jânio e Collor, dois mestres do "marketing político"?

Não creio que, sem a renúncia, teriam sido maiores as chances de uma crise institucional. Jânio tinha sólido apoio militar, dos empresários e de parcela significativa da classe média. Sua ousada política externa, de orientação terceiomundista e de abertura para os países socialistas (incluindo a simpatia por Cuba e a condecoração de Chê Guevara) não causou maiores estragos por dois motivos. Em primeiro lugar, porque, naquela época, os mecanismos de pressão dos Estados Unidos não tinham a força que teriam nos anos seguintes; caso contrário, não tenho dúvidas de que Jânio teria se curvado às exigências dos americanos. Em segundo lugar, o "esquerdismo" da política externa era contrabalançado por uma política econômica conservadora e pelo extremado moralismo, que seduzia os tementes "a Deus, pátria e família". A continuidade de Jânio no poder poderia, aí sim, exacerbar os conflitos eleitorais, em função da crescente polarização entre "progressistas" e "reacionários", o que já se afigurava desde o final do governo Kubitschek. A eleição de Jânio em 1960 provocou um realinhamento partidário e uma ambigüidade ideológica, ainda mais significativos pelo so-



Fac-símile da capa da Folha de São Paulo, no dia da renúncia

lene desprezo que ele sempre demonstrou pelos partidos, pelos parlamentares e pelo próprio Poder Legislativo.

SEM PERDÃO. O povo, profundamente frustrado com a renúncia, não foi para as ruas porque, como na proclamação da República, "assistiu aquilo bestificado". Parecia esperar o que poderia estar por trás de mais uma manobra teatral, no que Jânio era especialista. As "forças terríveis" denunciadas por Jânio se transformaram em piada das "forças ocultas" - e como Jânio não teve o supremo gesto de suicídio de Getúlio, o povo não perdoou o teatro sem explicação e sem grandeza.

O jânio deixou herdeiros? Creio que não. É claro que sua imagem tende a ser explorada pelos oportunistas de sempre. Mas, por estar centrado no estilo exclusivo do criador, o jânio deixa órfãos, mas não herdeiros políticos. Pois, afinal, estes herdariam o quê? Jânio nunca teve um projeto político - como Getúlio ou JK, por exemplo - que lograsse aglutinar seguidores com um mínimo de adesão programática ou ideológica. Os votos cativos também se esfumaram. O famoso eleitorado de Vila Maria não reelegeu a filha Tutu Quadros e hoje, provavelmente, oscila entre os encantos do baú de Silvío Santos e a arrogância arrependida de Paulo Maluf. Sobrou o mito do justiceiro implacável, aquele que combatia pessoalmente a corrupção, pro-

metia cadeia para os bandidos, rua para os funcionários vagabundos e dureza para "os ricos". Mas, por ironia impenitente, a incorruptibilidade do mito estremece quando o grande incorruptível vem a falecer justamente nos braços generosos de uma das maiores empregadoras do país... que paga a conta milionária do hospital. Do poderoso mito, parece sobrar apenas a vassoura esfarrapada, que não consegue mais competir com a velocidade do novo "caçador de marajás" e sua "modernidade".

VERSÃO MODERNA. Finalmente, o que existiria em comum entre Jânio e Collor? Além da carreira meteórica e da inegável sedução, do palanque aos meios de comunicação de massa, ambos têm em comum a instabilidade emocional e um profundo desrespeito pelo processo democrático. Apesar de eleitos pelo voto popular, encarnam a forma perversa da democracia - a demagogia, em suas variadas formas - e configuram o pior do populismo, que é sua versão autoritária. Dirijam-se ao povo, falam em nome do povo "e para o bem do povo", mas desconfiam da organização popular autônoma, e renegam e desmontam os mecanismos institucionais de controle do poder, que constituem a essência dos regimes democráticos. Jânio desprezava o Legislativo, e chegou a insinuar que poderia fechar o Congresso "com um cabo e dois soldados".

Collor passa por cima da Constituição e do Judiciário, atropela o Legislativo com medidas provisórias, e convive muito mal com a imprensa livre. Ambos parecem ungidos pela crença no presidencialismo imperial, sob as bênçãos dos militares. Enfim, o último presidente eleito antes do golpe de 64 e o primeiro depois da reconquista das eleições diretas refletem, exemplarmente, as dificuldades para a consolidação da democracia no Brasil - enquanto perdurar o engodo trágico pelos "salvadores da pátria".

MARIA VICTORIA BENEVIDES
professora da USP

RÉPLICA

A CRISE DOS COMUNISTAS

O Congresso do PCB realizado em janeiro deste ano, em São Paulo - cujo ponto central foi o fracionamento do Partido em dois blocos: o Partido Popular Socialista (PPS), liderado pelo deputado Roberto Freire, e o Partido Comunista (PC), liderado pelo professor Horácio Macedo, foi a conclusão de um processo de quase vinte anos de lutas internas, causadas por uma significativa crise de identidade dos comunistas brasileiros. Essa crise foi agravada não somente pela implosão do "modelo" do socialismo real mas, fundamentalmente, pelo esgotamento do instrumental teórico-analítico de um núcleo dirigente que, em sua maioria, estava encastelado no Comitê Central do Partido há mais de três décadas e vinha repetindo velhas fórmulas de raiz stalinista.

Mesmo com um superado arcabouço teórico, o PCB ainda teve fôlego para orientar-se durante o enfrentamento com a ditadura militar para uma linha política consequente, buscando a ampliação dos espaços democráticos, mas a crise da ditadura, no final dos anos 70, o surgimento das greves no ABC e o crescimento de um movimento sindical com características independentistas demonstravam o desenvolvimento de uma classe trabalhadora qualitativamente diferenciada da tradicional. Esse novo quadro político não foi compreendido pelo PCB que, não por acaso, nos anos 80 começou a perder espaços polí-

ticos para o PT. Ainda assim o velho dogmatismo stalinista (retocado e "atualizado") continuou a empurrar o partido para acordos sem princípios ideológicos claros.

A direção do PCB acabou se diluindo no amálgama ideológico do PMDB, perdendo a perspectiva da transformação revolucionária da sociedade brasileira. Essa foi a razão da ruptura de Prestes com o Comitê Central. Esses foram também os motivos para o apoio a Moreira Franco, Antônio Ermírio, Joaquinão e ao Plano Collor.

Hoje, o esgotamento do instrumental teórico dos ex-comunistas nada mais é do que o reflexo do desmantelamento da "via stalinista" de construção do socialismo. O colapso daquele modelo jogou os burocratas do Partido num beco sem saída, ou seja, prevaleceu a velha tradição de subserviência a Moscou: a derrocada do PCUS deveria, na lógica de seu pragmatismo, ser também o fim do PCB.

Contra essa política levantou-se a maioria da militância do partido que, por meio da fundação do PC, tem como objetivo reconstruir o PCB e retomar a tradição criadora e revolucionária do pensamento dialético. Longe das fórmulas e dos modelos reducionistas e dogmatizadores, tendo como parâmetro a dinâmica da vida como elemento enriquecedor da teoria marxista e com vistas a construir o projeto de uma sociedade comunista.

ANTONIO CARLOS MAZZEO,
DA EXECUTIVA NACIONAL DO PARTIDO
COMUNISTA (PC)



- Não, não, meu senhor. Ao inferno ninguém renuncia!.

CADERNOS PARA CUBA

O Congresso do Sindicato Nacional de Docentes das Instituições de Ensino Superior, Andes-SN, reunindo cerca de 250 delegados de universidades de todo o Brasil, em Cuiabá (MT), de 16 a 22 de fevereiro, deliberou posicionar-se contra a filiação da Central Única de Trabalhadores à CIOSL, Central Internacional de Orientação Social Democrata. No Congresso também houve um clima geral de intensa solidariedade ao povo cubano, estando presentes a Vice-Ministra da Educação de Cuba, Dra. Lésbia Gertrudes Fabello, e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Educação, Luis Abreu. Deliberou-se também por uma campanha de solidariedade ao povo cubano para compra de material didático e medicamentos.



No plano interno, o principal assunto a polarizar as atenções foi a questão da carreira docente, que o sindicato vem debatendo há mais de ano. Questão polêmica, a proposta de uma carreira docente unificada para todos os setores de ensino superior - público (federal e estadual) e privado - terminou numa votação de princípios, uma vez que o Congresso optou por não deliberar definitivamente, deixando a decisão final para o Conselho Nacional da entidade, que se reunirá em Fortaleza, em junho próximo. Entre os princípios votados está o de que a carreira deve considerar sobretudo a titulação (mestrado, doutorado), mas que ela deve contemplar também a questão do desempenho docente. Esta questão é complexa, dada a diversidade entre os diversos setores da categoria que o sindicato representa, abrangendo desde a USP, onde a carreira é basicamente a mesma há mais de 20 anos, até faculdades privadas onde sequer existe carreira ou condições decentes de trabalho. A questão, de todo modo, é urgente, dentro de uma visão que procure preservar, no ensino superior brasileiro, condições para que ele venha de fato a se constituir num sistema - diante das investidas da nova política do MEC, que, baseado em critérios de avaliação quantitativos, periga aprofundar as clivagens entre as universidades brasileiras. Por isso o Sindicato pretende aprovar, junto com a carreira, a reivindicação de um plano nacional de capacitação docente.

FLÁVIO AGUIAR,
de Cuiabá



Plenária Nacional à vista

Começam os preparativos para a plenária nacional. Na pauta, a relação com a CIOSL.

A filiação da CUT a uma central sindical internacional, a palavra de ordem "Fora Collor", a transformação dos departamentos da CUT em federações, e o cuidado para que não se repita o final melancólico do 4º Concut.

Estas são, até o momento, as principais preocupações dos organizadores e participantes da Plenária Nacional da Central Única dos Trabalhadores, que acontece nos dias 15, 16 e 17 de julho, na cidade de São Paulo.

A realização deste encontro foi decidida pelo 4º Congresso Nacional da CUT, inicialmente com a função de debater a filiação internacional. Como o 4º Congresso terminou não discutindo toda a sua pauta, a plenária acabou ganhando uma importância inesperada.

Sinaliza nesta direção a antecipação dos Congressos Nacionais de diversas categorias filiadas à CUT, inicialmente marcados para depois da plenária. Já marcaram suas reuniões nacionais, categorias representativas e combativas como a dos metalúrgicos, bancários e químicos, para citar apenas algumas.

Os cuidados reservados para estes congressos igualmente demonstram a preocupação em não se repetir o festival de tapas que marcou o Concut último.

TESE GUIA. Recentemente, uma reunião a portas fechadas na CUT Nacional definiu que o Congresso Nacional dos Metalúrgicos terá apenas uma tese guia. A decisão foi tomada por Heiguiberto Navarro, o Guiba do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema e coordenador do Departamento Nacional dos Metalúrgicos da CUT, representando a Articulação; Durval de Carvalho, principal liderança da CUT pela Base; e José Maria de Almeida, também o principal articulador nacional da Convergência Socialista. As três correntes representam, juntas, 84% dos votos na direção da CUT Nacional.

PARÂMETROS. O Congresso Nacional dos Metalúrgicos é um mega-evento que ocorre de 20 a 22 de março, no Ginásio Muni-

pal do Pacaembu, na cidade de São Paulo, com a presença de 600 delegados de todo o Brasil, representando 1,1 milhão de trabalhadores. E como sempre, quando os metalúrgicos da CUT se reúnem, suas decisões acabam por se tornar parâmetros nacionais para várias outras categorias no interior da central e para a plenária nacional.

Basicamente, a Plenária é uma reunião ampliada da direção nacional da CUT, com a participação de outras instâncias como departamentos e CUTs Estaduais. Segundo represen-

ta, No canto oposto estiveram, principalmente, os Sindicatos de São José dos Campos, Campinas e Pindamonhangaba. Estes pintavam a tese do sindicato de São Bernardo como "conciliadora de classes", "a reboque da burguesia" ou simplesmente "desmobilizadora e cupulista".

Iniciativas como a "Vigília", participação em câmaras setoriais ou no Projeto Brasil foram citados como aparentados com a Força Sindical, do nunca exorcizado Luiz Antônio de Meireiros.

No Congresso Estadual, po-



Briga no 4º Concut: ninguém quer que isso se repita.

tantes da maioria das tendências abrigadas no interior da CUT Nacional, as votações em plenário repetem, com pequenas margens de diferença, a proporção das tendências no interior da direção da central.

PRIMEIRO ROUND. Um primeiro embate entre estas forças já ocorreu de 14 a 16 de fevereiro passado, em Santo André, no Congresso Estadual dos Metalúrgicos da CUT. As tendências acreditam que o resultado poderá repetir-se na plenária nacional.

Vale a pena acrescentar um ponto que não foi colocado explicitamente em Santo André mas, certamente, estará presente também na plenária: a disputa sobre o caráter da ação sindical.

De um lado encontravam-se os sindicatos ligados a Articulação, capitaneados por São Bernardo e Diadema e Santo André.

rém, ao contrário do 4º Concut, a oposição à Articulação não formou um bloco único. A corrente Sindical Classista não topou e a CUT pela Base não conseguiu unidade para a decisão. Restou a Convergência Socialista sozinha, dizendo que não ia participar de qualquer composição, mas, no final, fechando na chapa única.

PERSPECTIVAS. A Convergência Socialista promete que irá à Plenária Nacional disposta a formar um "bloco de esquerda", proposta já afastada pela Corrente Sindical Classista.

Em Santo André o "Fora Collor" foi derrotado, os departamentos transformados em federações, a filiação à CIOSL obteve maior simpatia e tudo terminou em paz. Mas saber se este ambiente será repetido em julho continua uma questão válida.

CARLOS ALBERTO BALISTA

FILIAR OU NÃO, EIS A QUESTÃO

Os congressistas de Santo André resolveram jogar para a plenária nacional a decisão sobre a filiação ou não a uma central sindical internacional. As opiniões reveladas em bastidor deixam dúvidas se esta filiação irá acontecer. A favorita, entretanto, é a CIOSL (Confederação Internacional de Organizadores Sindicais Livres). Com sede em Bruxelas, a CIOSL abriga 150 cen-

trais sindicais de 100 países. Ao todo, ela representa 100 milhões de trabalhadores. A Articulação é a maior defensora da filiação, indiferente às críticas de que a CIOSL é de "direita". "Se é de direita, nós entramos e levamos ela para a esquerda", diz Guiba. Todas as demais tendências concordam que a central de Genebra é a única que, atualmente, pode-se dizer internacional. A Federação Sindical Mundial (FSM), deve seguir o mesmo destino da URSS: desaparecer. A Confederação Mundial de Trabalho (CMT), democrata-cristã, só existe para se contrapor à rival comunista. Com o fim da FSM, pode-se esperar o mesmo da CMT.

A pedra no sapato. A Convergência considera que a CIOSL pratica o "sindicalismo de resultados" e defende a criação de uma "central alternativa" com países do Terceiro Mundo, revela Antonio Donizete Ferreira, o Toninho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos - com 42 mil filiados, provavelmente é o maior cacife da CS. - A CUT pela Base, ao contrário, acredita que não há ambiente para se criar uma nova central sindical e é contra qualquer filiação, segundo Durval de Carvalho, dos Metalúrgicos de Campinas, maior potencial da CUT pela Base. Enéas dos Santos, da direção nacional da Corrente Sindical Classista, conta que "não gostaria de ver a CUT filiada à CIOSL".

OS NÚMEROS DA FRAUDE

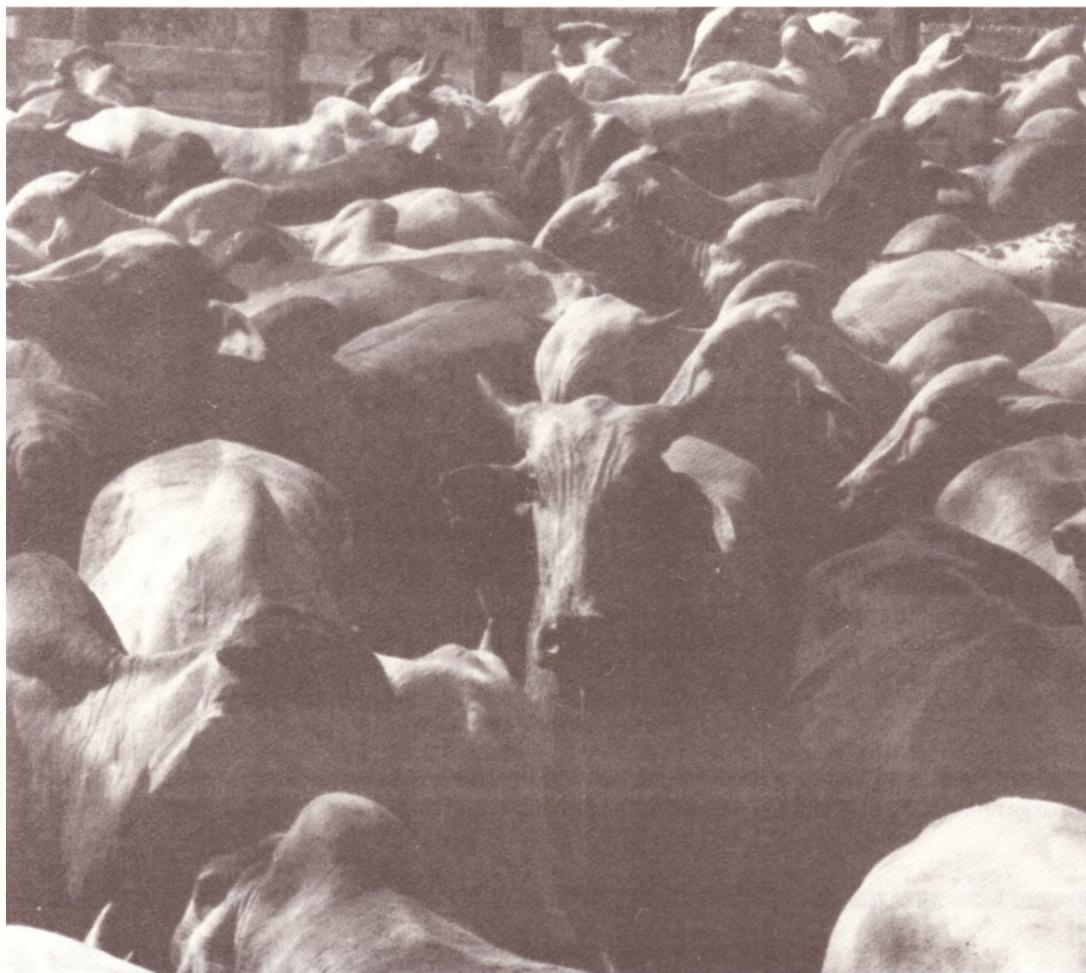
Abate de Bois (em milhões de cabeças)

	IBGE	Real(1)	Diferença
1977	12,3	13,5	1,2
1978	11,5	13,5	2,0
1979	10,0	14,3	4,3
1980	9,6	14,7	5,1
1981	10,0	15,3	5,3
1982	11,7	19,4	7,7
1983	11,6	19,2	7,6
1984	10,2	18,6	8,4
1985	10,6	21,1	10,5
1986	9,1	17,5	8,4
1987	10,6	20,0	9,4
1988	12,5	23,6	9,1
1989	13,0	23,0	10,0
1990	13,1	23,5	10,4
1991	13,0(2)	23,6	10,6

Totais 168,8 278,8 110,0

Fontes: IBGE/DEAGRO - Censos Agropecuários, Anuários Estatísticos

(1) - Período de 1979-88: estudo do economista Sylvio Lazzarini, presidente da Associação Brasileira de Confinadores (Abraco); demais dados: estimativas do autor
(2) - Estimativa do autor



No país do boi sonogado, quem leva a fama é o boi gordo.

MILTON SOARES

ABATE CLANDESTINO

Este é o boi que revoa

Nos últimos 15 anos, pecuaristas e frigoríficos ganharam bilhões de dólares sonogando impostos.

Cinco bilhões de dólares. Esse é, por baixo, o total sonogado em todo o país pelos pecuaristas e frigoríficos, apenas em ICMS (antigo ICM) - Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços -, nos últimos 15 anos, com o abate não-contabilizado de boi gordo, considerando-se um mínimo de 110 milhões de cabeças "clandestinas" no período (ver tabela), a US\$ 350 a carcaça (US\$ 35 bilhões), e 15% de ICMS em média.

Os abates não-contabilizados sempre existiram (não confundir com a prática de "abate sob árvores", comum no interior), mas ganharam dimensão extraordinária a partir de 1977, quando houve um salto na alíquota do ICM, de 4% para 11%, e depois, em 1980, para 17%. Hoje o ICMS, em alguns estados, caiu para 7% (MG, PR, SP e SC). Os números oficiais do IBGE, nesses 15 anos, dão conta da aparente estagnação do setor, contrariando o grande desenvolvimento tecnológico vivido pela pecuária de corte nos anos 80, responsável pelo aumento de sua produtividade, e o aumento do consumo de carne bovina, pelo simples crescimento vegetativo da população.

Durante muitos anos as lideranças dos pecuaristas e as autoridades choraram miséria, dizendo que o consumo de carne caíra, que a pecuária estava em crise, com um baixo desfrute (abates em relação ao rebanho) e um pre-

ço sempre abaixo dos custos de produção.

NOVO DISCURSO. A realidade apareceu em números quando o IBGE realizou uma pesquisa de couros, nos anos 1986-88, e constatou que eles eram em quantidade superior aos abates contabilizados - pelo próprio IBGE - em mais de 60%. A partir da divulgação dessas estatísticas, houve uma mudança radical do

discurso dos dirigentes de entidades, de pecuaristas e de frigoríficos, e das próprias autoridades.

Surgiram estudos mostrando que afinal não comemos tão pouca carne assim e que o desfrute médio do rebanho estava próximo do obtido pelos argentinos. A questão tributária virou o eixo central de todos os problemas e surgiram muitas vozes garantindo que a redução da cobrança até permitiria à população de baixa renda comer mais carne.

Nesses três anos (1989-91), muitos frigoríficos fecharam principalmente porque o setor estava superdimensionado e não agüentou o tranco da recessão, diminuindo o movimento. Além disso, a concorrência com os "clandestinos" contribuiu para agravar o quadro.

O vilão ICMS foi apontado como a principal causa do fechamento desses frigoríficos, os "honestos" sendo prejudicados pelos "clandestinos".

Como se o setor pecuarista e frigorífico não fosse todo ele oligopolizado, com os grandes respondendo pela maior parte dos abates - oficiais e reais.

MENOS IMPOSTOS. A campanha pela tributação zero ganhou recentemente uma aliada importante: a secretária nacional da Economia, Dorothea Werneck, propôs aos secretários estaduais da Fazenda, dia 14/2, em reunião do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), a eliminação da cobrança do ICMS sobre o boi gordo, argumentando que a alíquota elevada estimula o abate clandestino.

Inverte-se completamente a ordem das coisas: os impostos

sonogados são simplesmente esquecidos (e não é só o ICMS; há o Funrural, Finsocial, PIS e Imposto de Renda), como se não houvesse acontecido nada, e a solução brilhante para acabar com a sonogação é acabar com o imposto. De fato, não havendo imposto, não há como sonogá-lo.

Além do que diz o senso comum, um estudo da Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul, sobre a sonogação, comprovou que o maior problema em relação ao abate clandestino é a falta de fiscalização; mesmo reduzindo-se a alíquota de ICMS, é necessário fiscalizar. (Lendo tudo isso, o que você, descontado na fonte, sente na carne?)

MANOEL ALVAREZ

ÍNDIOS

SEQÜESTRO E ASSASSINATO

No dia 29 de janeiro, o índio Makuxi Damasceno Segundo foi seqüestrado pela polícia militar de Roraima. O capitão José Wilson da Silva, acompanhado por 12 soldados, prendeu Damasceno na maloca Gavião, mandou que o espancassem e jogassem na carroceria de uma Toyota da PM. Damasceno só reapareceu no dia 11 de fevereiro. Ele se aproveitou de uma bebedeira de seus seqüestradores, fugiu e ficou escondido na região.

Outro Makuxi, Ariston da Silva, 38 anos, da maloca Cantagalo, foi assassinado no último dia 2 por fazendeiros que ocupam ilegalmente a área indígena Raposa Serra do Sol.

Segundo avaliação do Conselho Indígena de Roraima, a constante violência verificada na região é consequência direta da não demarcação da área indígena Raposa Serra do Sol, que se encontra invadida por fazendeiros. Outro motivo é a impunidade dos agressores, protegidos e até incentivados pelo governador Ottomar de Souza Pinto, abertamente contrário à demarcação da terra indígena, habitada por índios Makuxi, Wapixana, Taurepang e Ingarikó.

É grande a pressão dos latifundiários e donos de garimpos locais contrários à demarcação. A CPI da "Internacionalização da Amazônia", proposta pelo deputado Avenir Rosa (PDC-RR), teve origem num auto-intitulado "Movimento contra a Internacionalização da Amazônia", que na verdade tem como objetivo impedir a demarcação da área indígena Raposa Serra do Sol. E a deputada Tereza Jucá (PFL-RR), mulher do famigerado ex-presidente da FUNAI, Romero Jucá, também participante desse movimento, foi nomeada relatora da comissão especial da Câmara dos Deputados, que vai analisar este ano os projetos do novo Estatuto dos Povos Indígenas. Tereza Jucá já está sendo chamada de "Eva Braun de Roraima", pois a sua nomeação para relatar o Estatuto do Índio seria comparável à nomeação da esposa de Hitler para cuidar de uma creche de crianças judias.

ANTONIO CARLOS QUEIROZ,
de Brasília

UM CRUZAMENTO MUITO PERIGOSO

O governo Collor pretende recadastrar 5,3 milhões de proprietários rurais, para saber qual é hoje a realidade fundiária do país, e ordenou à Receita Federal cadastrar esse mesmo universo, para a cobrança do Imposto Territorial Rural (ITR). Essa dupla ação cadastral permitirá ao governo cruzar os dados das declarações de renda e de propriedade dos latifundiários - algo inédito e decisivo para liquidar a sonogação, superior a 50% (Renda) e 80% (ITR).

Pode ser que o governo esteja querendo se "armar" para conseguir finalmente a aprovação, pela bancada ruralista no Congresso, de seus projetos, - alterando a cobrança do ITR, para punir o latifúndio ocioso (duas vezes rejeitado pela direita rural), e vinculando o crédito rural à comprovação do pagamento do ITR. Não que o governo Collor vá realmente mandar para a cadeia os seus velhos aliados, por serem negligentes com as suas obrigações fiscais, mas é que, além da necessidade de fazer caixa, não quer passar novamente o vexame de perder no Congresso. E como é dando que se recebe, uma ameaça de ação da Receita Federal vale votos.



SPACA

Os perigos do fisiologismo

Collor implode o "bloquinho", influencia o PDS, o PMDB e o PTB. Mas gera insatisfação.

O presidente Collor está comemorando a vitória no jogo pesado do fisiologismo no Congresso Nacional, em busca da sustentação política que seu governo ainda não foi capaz de forjar. Elegeu o PFL sua base parlamentar, conseguiu influir na recondução de Genebaldo Correia (PMDB-BA) à liderança da até então considerada maior bancada de oposição na Câmara; implodiu o "bloquinho" (PDS, PDC, PTB), que ensaiava uma rebelião para valorizar sua cotação no mercado do "é dando que se recebe". Obteve uma vitória de Pirro.

A BOCA DO JACARÉ. Na verdade, ao eleger a direita sua aliada preferencial, na base da troca de favores, o presidente Collor reacendeu o caldeirão fisiológico onde outros governos, especialmente Sarney, queimaram sua credibilidade política. O fisiologismo, a experiência tem mostrado, é um jacaré de boca escancarada, insaciável. A questão é saber se o estoque de cargos e favorecimentos do governo é inesgotável.

O surgimento do "bloquinho", de vida curta, foi uma reação ao privilégio com que o governo brindou o PFL - dois ministérios e a chefia da Casa Civil. A implosão, capitaneada pelo ministro Ricardo Fiúza e

corporificada no empate entre o líder Victor Faccioni (PDS-RS) e José Lourenço (PDS-BA) - este estimulado pelo governo - na disputa pela liderança do PDS, deixa um rastro de insatisfações.

Nessa esteira se incluiu o PTB, com a derrubada do deputado Gastone Righi (PTB-SP) e a ascensão de Nelson Marchezelli (PTB-SP), parceiro de Leopoldo Collor em todas as maracutaia de barganha política na distri-

buição de verbas públicas.

No PMDB, a história não é muito diferente. A recondução de Genebaldo por uma margem de apenas três votos sobre Odacir Klein (PMDB-RS) mostra que o partido está literalmente rachado ao meio entre a adesão e a identidade oposicionista. A reação à interferência, à base de pressão até de agentes do setor financeiro, já começa a esboçar-se numa tentativa de forma-

ção de um bloco das oposições que reuniria essa parcela do PMDB às esquerdas.

TRATOR. Se as oposições não obtiverem uma articulação consequente, e o governo conseguir aplacar a sede de seus acólitos, estarão jogadas por terra as chances de aprovação de projetos de interesse social como a reforma agrária, Lei de Desenvolvimento Urbano, o projeto de

habitação popular. Da mesma forma, estará aberto o caminho para a aprovação, a toque de caixa, das versões conservadoras de projetos considerados prioritários pelo governo: reforma do Sistema Financeiro Nacional, reformulação da Previdência Social (leia-se privatização) e o dito projeto de modernização da economia ou ex-Emendão.

NILMÁRIO MIRANDA



OPÇÃO EM VÍDEO PARA QUEM NÃO GOSTA DE ASSISTIR CALADO



A TVT leva para o vídeo os temas que você não encontra na sua locadora, registrando a vida dos trabalhadores e da sociedade através da lente crítica e transformadora da esquerda brasileira. A TVT trabalha para quem discute, entende e muda a história.

guagem irreverente da REDE POVO que tomou conta do horário eleitoral gratuito.

N ICARÁGUA: ENTRE A GUERRA E O SONHO

A história de um povo marcado pela fome e pela guerra. A busca da democracia e uma análise da situação que culminou na derrota de Daniel Ortega nas eleições presidenciais. Uma luta apaixonada entre a guerra e o sonho.

V ERDE VERDADE

A vida dos seringueiros e sua luta contra a exploração e o medo. O assassinato de Chico Mendes: da reconstituição do crime até os lances finais do julgamento. A continuidade da luta e os novos líderes jurados de morte.

Melhor produção do Hemisfério Sul e Menção especial do júri no Festival de TV/Vídeo de Genebra, Suíça. 1º Prêmio no Festival de Cine Documentário de Salerno, Itália.

B ALBINA, O MARCO DA DESTRUIÇÃO

A história de um escândalo que não veio à tona. 500 mil hectares de mata submersos, índios afastados do seu ecossistema, o envenenamento das águas e a morte tomando conta das margens de um rio.

1º Prêmio no Festival de Cine Documentário de Salerno, Itália.

1º CONGRESSO DO PT

Um acontecimento histórico dentro dos movimentos de esquerda no Brasil e no mundo. As participações internacionais, a posição das tendências, a discussão do socialismo, a posição da militância, os eventos paralelos... Um resumo dos fatos mais marcantes que determinaram a postura do partido diante da problemática nacional e internacional.

4º CONCURTO / CUT 8 ANOS POR UMA VIDA MELHOR

Os acontecimentos que marcaram o 4º Congresso, desde as discussões sobre as teses até as principais resoluções e diretrizes aprovadas para a gestão da CUT nos próximos 3 anos. E mais um apanhado da história de lutas da CUT desde a sua fundação.

(disponível a partir de abril de 92)

10 ANOS DO PT GOVERNO PARALELO

A história do partido desde a sua fundação é vista através de um CLIP que mostra os momentos

mais marcantes. Na sequência a atuação do PT após as eleições presidenciais. O governo paralelo, seus principais componentes e suas propostas.

P ROGRAMA NACIONAL DO PT (fevereiro/92)

"O modo petista de governar" visto através de uma viagem pelo país. O que há de mais significativo em cada administração. A inversão de prioridades, a participação popular e a transparência administrativa.

M ELHORES MOMENTOS DA CAMPANHA "LULA PRESIDENTE"

Os momentos inesquecíveis da campanha na TV. As denúncias, os momentos de tensão, o registro das manifestações gigantescas pelo país. A lin-

Preço: Cr\$ 38.000,00 (cada)
válido até 15 de abril de 92

Forma de pagamento: Reembolso postal (o material e o porte serão pagos na retirada no Correio) - Desconto de 10% para pedidos de mais de 3 fitas.
- Nossos preços serão reajustados mensalmente.

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> 1º Congresso do PT | <input type="checkbox"/> 10 anos do PT Governo Paralelo |
| <input type="checkbox"/> 4º Concut / CUT 8 anos por uma vida melhor | <input type="checkbox"/> Verde Verdade |
| <input type="checkbox"/> Programa Nacional do PT (fevereiro/92) | <input type="checkbox"/> Albina, o marco da destruição |
| <input type="checkbox"/> Melhores momentos da campanha "Lula Presidente" | <input type="checkbox"/> Nicarágua: entre a guerra e o sonho |

Nome / Instituição:
Endereço:
Bairro: Cidade: Estado:
CEP Fone: Data:/...../.....



Rua Ouvidor Peleja, 112 - Saúde - São Paulo - SP
CEP 04128 - Tel.: (011) 275.5913 - 579.2208 - Fax: 275.6318

Aços Finos, moedas podres

O governo comemorou a venda da siderúrgica gaúcha. Mas não ganhou nenhum cruzeiro por isso.

Nenhum cruzeiro sequer em dinheiro foi recebido pela União para entregar a Aços Finos Piratini ao Grupo Gerdau, que com a compra consolida ainda mais sua condição de principal oligopólio da siderúrgica no Brasil. Foi um negócio de ocasião, especialmente para o Grupo Gerdau, que ainda não atuava no setor de aços especiais, considerado o filé-mignon da siderurgia (a produção de aços que não se alteram nas variações atmosféricas e são usados, por exemplo, em instrumentos cirúrgicos e asas de avião). Oferecida em leilão por um preço sub-avaliado - meros US\$ 42,8 milhões (quando um critério internacionalmente aceito, US\$ 2.400,00 por tonelada produzida, indicava US\$ 412,5 milhões), a Aços Finos, quarta siderúrgica em receita no Brasil no setor de aços especiais, acabou vendida apenas por US\$ 107,3 milhões (ou Cr\$ 157,3 bilhões) e paga somente com "moedas podres".

CIRCO. A Procuradoria Geral da República no Rio Grande do Sul tentou, em vão, obter a proibição do uso de "moedas podres" - papéis e títulos públicos de difícil venda e desvalorizados quando oferecidos no mercado financeiro. Solicitou à Justiça a suspensão do leilão por irregularidades no edital, o uso de debêntures da Siderbrás (uma das "moedas podres"), desvalorização excessiva da empresa e oferta de 10% das ações aos empregados da empresa. O Procurador-Chefe substituto, Ademir Canalli Ferreira, não conseguiu o adiamento, mas não considera uma luta perdida - ainda aguarda o julgamento do mérito da ação pelo Tribunal Regional Federal.

A montagem do circo da privatização na Bolsa de Valores do Extremo Sul custou Cr\$ 5 milhões, e teve a presença em pessoa do Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Eduardo Modiano, e dos dois empresários que disputavam a Aços Finos - Jorge Gerdau Johanpeter e José Diniz de Souza, da Eletrometal. Satisfeito com o resultado do leilão, que com o sub-avaliação teve um preço final de 153,13% acima do mínimo, Eduardo Modiano, anunciou que o governo Collor já estuda a privatização também da Cobra Computadores e da Rede Ferroviária Federal.

GAÚCHA OU FEDERAL? Dois dias antes do leilão, o Fórum de Defesa das Estatais, integrado pela CUT, CGT e partidos de esquerda, ainda alimentou esperanças de inviabilizar o leilão com base em interpretações da legislação que transformou a Aços Finos de estatal gaúcha em federal. Criada em 1961 no governo de Leonel Brizola, a Aços Finos passou ao controle da União em janeiro de 1975, em uma transação obscura e cheia de meandros jurídicos que levaram até a uma interpretação, depois descartada, de que o controle acionário ainda era do governo gaúcho.

Esta possibilidade chegou a preocupar o governador Alceu Collares, pego de surpresa,



Gerdau (último à direita na foto) tem motivos de sobra para estar satisfeito: comprou uma empresa saneada, em troca de uma montanha de papéis bichados (ver tabela abaixo).

embora um adepto da privatização, mesmo tendo de enfrentar a oposição ao menos de fachada de Leonel Brizola. O governador do Rio de Janeiro lamentou na semana do leilão o risco dela ser vendida por "meia pataca", mas nada fez para impedir a sua entrega aos grupos privados. Collares recebeu o Fórum das Estatais e encaminhou a questão judicial a seu Procurador Geral, Gabriel Fadel, pois já não tinha mais certeza se omitia-se na venda de algo que era do governo gaúcho.

Certificados de Privatização	Cr\$ 99,3 bilhões
Debêntures da Siderbrás	Cr\$ 35,4 bilhões
Dívidas Vencidas Renegociadas	Cr\$ 14,2 bilhões
Títulos da Dívida Agrária	Cr\$ 8,4 bilhões
TOTAL	Cr\$ 157,3 bilhões

Fadel garantiu que a empresa não era do governo gaúcho e Collares ficou à vontade para sequer comparecer ao leilão. O Fórum se fez presente em uma manifestação de protesto na esquina democrática, principal ponto do centro de Porto Alegre. Luiz Inácio Lula da Silva viajou a Porto Alegre exclusivamente para participar do ato, e advertiu em seu discurso que a com-

pra da Aços Finos pelo Grupo Gerdau provocaria o surgimento de um monopólio da iniciativa privada na produção de aço, da mesma maneira que já existe no setor de cimento. Lula, com o prefeito Olívio Dutra a seu lado, insistiu nos riscos do processo de privatização do governo Collor, que poderá atingir até a Petrobrás.

PRÓXIMAS VÍTIMAS. Os primeiros efeitos sobre o sistema Petrobrás poderão começar a ser sentidos em 18 de março, data marcada para a privatização da Petroflex, uma empresa de segunda geração do Pólo Petroquímico de Triunfo (RS), pertencente à Petroquisa (que aglutina as indústrias petroquímicas da Petrobrás). Hoje, o setor petroquímico é responsável por 70% do faturamento do sistema Petrobrás e sua entrega ao setor privado, adverte o presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Pólo Petroquímico (Sindipólo), Heitor Lermen, pode significar a inviabilização da própria Petrobrás.

A Petroflex está cotada em US\$ 180 milhões, embora seu valor real seja US\$ 350 milhões. O Sindipólo também está mobilizando a sociedade para enfrentar a privatização da própria Central de Matérias Primas do Pólo, a Copesul. Com preço mínimo de US\$ 784 milhões, a Copesul tem um seguro patrimonial de US\$ 1,365 bilhão e um valor estimado de US\$ 2 bilhões, segundo Heitor. O Deputado Federal Raul Pont (PT-RS), apresentou projeto no Congresso Nacional excluindo a Copesul do programa de privatização, e espera votá-lo antes de maio, data prevista para o leilão da empresa.

JOSÉ LUIZ LIMA
de Porto Alegre

TARIFAS PÚBLICAS

Ajustes rápidos agravam crise

Governo seguiu tarifas para agradar cartéis. Agora quer cobrar tudo de uma vez.

A inflação de março e abril pode cair um pouco, ficando entre 22% e 23%. Mas o próprio governo dá mais um sinal de que não acredita numa queda efetiva dos preços ao prometer, agora, moderação nos aumentos de tarifas públicas e de preços administrados.

É preciso admitir que os aumentos de tarifas eram necessários para ajustar a vida das empresas estatais. Muitas delas davam prejuízo porque eram obrigadas a segurar seus preços para evitar pressões inflacionárias. Não é segredo que, ao invés de enfrentar os cartéis, levando-os a reduzir suas margens de lucro, as autoridades muitas vezes preferiram simplesmente segurar as tarifas, assegurando o lucro das empresas privadas em detrimento da eficiência das empresas públicas.

Só que fazer um ajuste tão violento quanto este que vem sendo realizado desde outubro, em época de forte recessão, é apostar no agravamento da miséria. Veja como essas tarifas e preços subiram nos últimos cinco meses, quando a inflação pelo índice da Fipe subiu cerca de 202% e a TR, 216,4%:

- 1) Energia elétrica, 335%, com variação real de 44%, equivalente a uma caderneta de poupança que rende TR mais 114,7% ao ano.
- 2) Telefone, média de 374,9%, com aumento real de 56,9% ou poupança que rende 164,6% ao ano além da TR.
- 3) Gasolina e álcool, média de 240%, com aumento real de 12,6% ou poupança de TR mais 18,8% ao ano.
- 4) Gás de botijão, 216,9%, com aumento real de 4,9% e pra-

ticamente o mesmo que a TR.

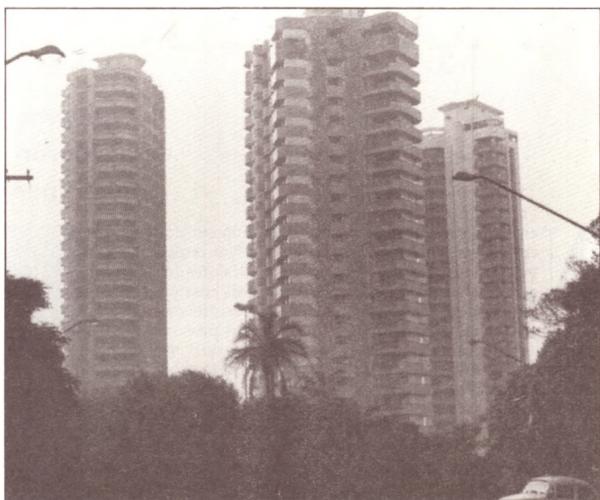
É importante observar que, mesmo em recessão, muitos setores da indústria estão conseguindo repassar satisfatoriamente os custos (inclusive tarifas) para os preços finais de suas mercadorias, especialmente a indústria de alimentos, automóveis, higiene e limpeza e, mais recentemente, produtos farmacêuticos. Apenas vestuário não tem conseguido repassar. Em 1991, contra uma inflação de 459% (Fipe), os alimentos industrializados subiram em média 520% e materiais de limpeza, 498%.

Fica óbvio, então, que uma parcela importante desse ajuste é feito mediante o confisco indireto de salários de trabalhadores, que não conseguem o repasse total dos aumentos.

SÉRGIO SISTER



Quem paga a conta de São Paulo



Anália Franco: crianças órfãs são desculpa para não querer pagar.

EDUARDO CORDEIRO / CAMPANELLI/3X4



Itaquera: a população sente a crise, mas paga.

S é, D. Pedro, Brás, Belém, Tatuapé, Carrão: de metrô, em busca do Jardim Anália Franco, do centro para o leste dessa imensa São Paulo. A estação Carrão são três extensas plataformas unidas por uma passarela elevada que serve também a dois terminais de ônibus e ao trem de subúrbio, cujo ponto é logo adiante. Para a direita, em direção ao Jardim procurado, atravessam-se mundos: casinhas de tijolo aparente do início do século; sobradinhos de fachada bordada, mais recentes; e torres e torres de concreto dos dias de hoje, das mais modestas - lisas, sobre patios nus, asfaltados - às mais finas, parecendo brotar de jardins que envolvem construções de apoio, portarias imponentes, de aparência inexpressiva.

De repente, essa paisagem misturada dá lugar a hectares e hectares de um bosque. Nele se destacam quatro torres de mais de 20 andares, com perfis cuidadosamente desalinhados, em cores roxas, marrons, cercadas por um muro extravagante, onde se abrem janelões com batentes de mármore e grades de ferro.

São 100 apartamentos, um por andar, 6 vagas na garagem, cinco suítes, 530 metros quadrados, 1 bilhão de cruzeiros por unidade, explica o corretor de plantão, animado. Esse primeiro conjunto de torres - a Chácara Anália Franco - será seguido por outros. O Villa Monteverde será logo abaixo, uma piscina por andar; uma torre só numa área de meio hectare. E tem mais: a Maison Luxembourg, o Palácio Veneza, as Torres Rômulo e Remo...

É o coração do Jardim Anália Franco. Toda a região do Jardim está dentro da antiga posse do venerável Padre Feijó, cuja igreja-residência se encontra ainda dentro do bosque. Há 90 anos, no entanto, uma viúva rica e sem herdeiros, Anália Franco, comprou as terras - 75 alqueires paulistas, 1,8 milhão de metros quadrados - e os doou a uma Sociedade Feminina Beneficente e Instrutiva, que criou para cuidar de crianças sem lar.

Dos piedosos propósitos da viúva originou-se, então, apreciável celeuma fiscal. De uns dez anos para cá, à medida que a Sociedade vendia pedaços e pedaços do terreno, a Prefeitura passou a cobrar o Imposto Predial e Territorial Urbano de toda a área que extrapola os limites da Sociedade, hoje formada por uma sede do porte de um colégio e um orfanato, espichado ao lado da casa do Regente, de construção modesta, onde hoje não estão mais de 20 crianças. Para 1992, o IPTU devido pela Sociedade é de perto de meio bilhão de cruzeiros. Só que a Sociedade - há anos controlada por um grupo único - diz que não paga. E não aceita sequer o lançamento do imposto, alegando seu caráter benemérito. E tem advogados, juristas - consta que desembargadores e até uma antiga deputada estadual - que a ajudam a não pagar.

Os lotes vendidos - onde estão todos os condomínios projetados e as torres construídas - já pagam imposto territorial. Mas são impostos relativamente baixos. Os cálculos são feitos pelo valor de mercado do metro qua-

drado, a partir de pesquisas da Prefeitura e de deliberações de um conjunto de entidades, do ramo imobiliário, principalmente. E refletem os preços sempre com atraso. Mas o trabalho e o dinheiro do orçamento da Prefeitura estão lá: a terraplenagem, as galerias pluviais, os arruamentos, as calçadas, o asfalto. Assim, a valorização do solo urbano vai sempre, primeiro, para os grandes proprietários.

Itaquera, periferia, fim de linha. Da Praça da Sé até aqui, são doze estações de Metrô, 17 quilômetros. A estação terminal funciona também como centro urbano dos arredores. Quem se volta para a Sé tem à esquerda, num descampado, alguns prédios construídos pela Cohab. À direita, uma aglomeração mais compacta, mas distante. Para atingi-la é preciso atravessar primeiro enorme terreno baldio. São, pelo menos, 500 metros de frente por 300 de fundo, doze campos de futebol iguais ao Maracanã.

Da estação até as primeiras casas do outrolado é preciso vencer uma elevação branda porém constante. Para piorar, a única trilha trafegável serpenteia no matacão, por entre montes infundáveis de lixo e entulho. Logo no início do trajeto é preciso saltar sobre uma corrente de água fétida que desce em direção à estação. No final, trata-se de atravessar os trilhos do subúrbio leste da Rede Ferroviária Federal. Não há passarela, nem cancela, nem sinal.

Vencidos os obstáculos, chega-se à rua Zorilho, que margeia

a linha férrea. Do lado esquerdo, onde há uma favela e cresce um matagal, a via confunde-se com o terreno baldio. Atravessando o asfalto novo, chega-se a uma fileira de casas modestas.

Lúcia Andrade, funcionária do fórum de Itaquera, mora numa delas: dois quartos, sala, cozinha e banheiro não chegam a ocupar por inteiro o terreno comprido, onde ainda sobra espaço para uma casa nos fundos e um quintal modesto. Recebeu a cartela do IPTU no início do mês: Cr\$ 65 mil.

"Em vista do que aconteceu com os outros, não está caro", diz ela, "mas o preço é alto em relação ao que se pagava". Lúcia e o pai aposentado, que completa os

rendimentos familiares, recolheram no ano passado Cr\$ 7.122. A elevação chegou a 812%, contra menos de 500% da inflação medida pela FIPE.

A parcela mensal, de Cr\$ 6.500, está longe de figurar entre as mais altas do orçamento familiar. Lúcia paga Cr\$ 30 mil, todos os meses, apenas pelo fornecimento de eletricidade. O problema, lembra ela, é que "está tudo difícil. Carne falta muita, e eu pago a faculdade com sacrifício. Acho que a Prefeitura está dando um aumento muito grande nos ônibus".

A menos de cem metros de Lúcia, numa casa um pouco maior, vive o operário Artur Vicente Neto, pinto de máquinhas na empresa do empresário Walter Sacca, um dos diretores da Fiesp. "Paguei o IPTU de uma só vez", diz ele: "117 mil e uns trocadinhos. Em comparação com o ano passado, quando paguei 14 mil, houve um aumento muito grande. Mas acho melhor não ficar devendo".

A rua sofreu melhoramentos, reconhece Artur. "A Erundina passou o asfalto". Mas nos dias de chuva ninguém se atreve a atravessar o matacão até a estação. À noite, ou bem cedo, também não se vai. Já houve três assassinatos. O metrô, ali pertinho, virou uma ficção remota, durante boa parte do tempo. "Uma coisa que tinha de fazer", diz o operário, "era corrigir o problema do barro, quando chove. Tinha de fazer uma passarela, um pontilhão até o metrô, ou arrumar o terreno, jogar umas pedrinhas".

Quanto custaria, por exemplo, fazer uma praça no local? O arquiteto Walter Caldana (rua Antônio da Silveira, Pinheiros, IPTU de 260 mil, que defende o imposto cobrado pela Prefeitura em linhas gerais e aponta a necessidade de corrigir vários de seus aspectos) pega uma revista especializada e faz as contas. "Terraplenagem, 17 mil por metro cúbico; construção de ga-

reia, 5 mil por metro; pavimentação de calçadas, 17 mil por metro quadrado... Construir uma praça no local não sairia por menos de 10 milhões de dólares", diz ele.

São Paulo, avenida São João, 26º andar do edifício Andraus, 8h15. Amir Khair, Secretário de Finanças da Prefeitura, acabou de chegar. Na noite anterior - talvez, o auge da campanha contra o IPTU cobrado pela Prefeitura de São Paulo neste ano - Erundina reuniu o secretariado e as lideranças do partido. Poucos dias antes, o Tribunal de Justiça do Estado confirmara a liminar que reduziu em perto de meio bilhão de dólares - quase dois terços de seu valor - o IPTU da cidade. Os partidos de oposição à prefeita e mesmo aliados que ela busca - como o PSDB - já tinham articulado um projeto reduzindo o imposto em 32%, o aumento real médio que havia sido aprovado no último dia de 1991. Na reunião de Erundina, no entanto, a decisão foi: não recuar.

Amir, 51 anos, foi alto executivo de firmas como Olivetti, Petrobrás, Grupo Ultra. Teve, depois, alguns anos de militância no movimento popular pelo controle no preço dos transportes em Santo André, Diadema. Hoje, braço direito da prefeita, é o grande articulador da estratégia de elevar a arrecadação da Prefeitura com o imposto sobre a propriedade imobiliária.

Pouco tempo depois que Erundina assumiu o governo, em maio de 1989, Amir tornou-se presidente da Abrasf - Associação Brasileira dos Secretários e Dirigentes das Finanças dos municípios das capitais. Já em julho, numa Carta de Fortaleza, assinada por secretários de praticamente todos os partidos - do PT ao PDS - as prefeituras passavam a defender "a progressividade das alíquotas, especialmente para o IPTU, que deverá recuperar sua importância na arrecadação municipal".

No caso de São Paulo o IPTU, que em décadas passadas já fora 20% da arrecadação da cidade, em 1989 estava em 4%. Em 1990, não só a Prefeitura de São Paulo tinha enviado à Câmara lei que propunha drástica revisão desse imposto - elevando seu valor e passando a cobrar bem mais dos imóveis mais caros - como foi acompanhada por praticamente todas as outras capitais. No final de 1990, os aumentos do IPTU aprovados nas Câmaras foram ainda maiores. Em 1991, Amir foi reeleito para a presidência da Abrasf. Na carta da Associação assinada pelos secretários em Florianópolis se dizia que a crise - a profunda recessão do governo Collor - "só não inviabilizou a administração das capitais em virtude das reformas tributárias efetuadas".

A decisão do Tribunal de Justiça, que praticamente tentou acabar com a progressividade do imposto, ao reduzir as alíquotas todas ao mínimo, igualando pobres e ricos, se confirmada no Supremo Tribunal Federal, para onde Erundina apelou, seria um golpe de morte numa política construída nacionalmente nos últimos anos. Amir atacou diretamente a decisão do Tribunal. "Foi um voto político, a serviço dos poderosos", disse.

Quem contempla a imponente Catedral da Sé dificilmente se dá conta de uma outra construção grandiosa situada à esquerda da

igreja: é a sede da mais alta corte do judiciário estadual, o Tribunal de Justiça de São Paulo.

Por dentro, abundam os mármore, os bronzes e os jacarandás. Há amplos vestíbulos e longos corredores, forrados de intermináveis tapetes vermelhos. Nos andares de cima, onde os desembargadores têm seus gabinetes e pouca gente circula, as paredes são decoradas de alto a baixo com afrescos e peças.

Nesse ambiente, numa sala do quinto andar repleta de jornalistas pela primeira vez em muitos anos, o Plenário do Tribunal decidiu provisoriamente, no último dia 19, os destinos da arrecadação de impostos da cidade em 1992. Pela maioria esmagadora de 21 votos a 2, a corte confirmou a sentença de seu presidente, Odyr Porto de Moraes, e impediu a prefeitura de estabelecer alíquotas progressivas para a cobrança do IPTU. A lei da cidade com essa determinação foi considerada incompatível com a Constituição do Estado. Após a sentença todos os imóveis, das casinhas de Sapopemba às mansões do Morumbi e aos shopping-centers dos Jardins, recolherão aos cofres municipais a mesma porcentagem de seus supostos valores de venda.

Foi o procurador geral da Justiça do Estado, Araldo da Pozzo, escolhido por Fleury numa lista triplíce formada por seus pares, que solicitou ao Tribunal a declaração de inconstitucionalidade da lei da Prefeitura. Mas, se inúmeras cidades do interior adotam a progressividade na cobrança do IPTU, por que teria o Procurador questionado o critério apenas em São Paulo? É a pergunta lançada a um desembargador. Ele hesita alguns instantes, e quando responde o faz de forma condicional: provavelmente, diz, devido à "relevância social" do que ocorre na cidade.

A questão tributária tornou-se tema de várias mesas redondas e debates na tevê, onde se destacaram os liberais, como o tributarista Ives Gandra, talvez o mais notório adversário do imposto progressivo.

A Constituição Federal é nitidamente de onde emanam os direitos de tributar dos diversos níveis de poder da federação. Para ela é que apelou a Prefeitura. Uma corte do estado não pode deliberar sobre isso, diz a Prefeitura, com razão. Acontece, porém, que a Constituição está redigida de um modo ambíguo, em relação à progressividade do IPTU. Sobre o precedente aberto por Jânio Quadros em São Paulo - que a partir de 1987 adotou a progressividade - as prefeituras foram tornando essa posição um fato consumado, a despeito da ambigüidade legal.

Agora, no entanto, está havendo um esforço nacional da direita para reformular o sistema tributário nacional. A direita bate-se, agora, por um sistema de imposto nacional que incentive os ricos, que seja "igualitário", diz ela - ou seja, não progressivo. O imposto único - apenas um percentual de 1% sobre qualquer transação bancária substituiria todos os outros - é uma das campanhas com esse sentido.

Por trás da campanha contra o IPTU de Erundina estão muitos e pesados interesses, portanto.

ANTÔNIO MARTINS E RAIMUNDO RODRIGUES PEREIRA

O BODE EXPIATÓRIO DA CRISE

A vida está dura. O aposentado deixou de receber os 147% de reajuste a que tinha direito. O salário mínimo, também achou. O número de passagens de ônibus que se paga com um salário mínimo é cada vez menor, assim como o número de jornais que se compra com ele, e o número de passagens do metrô. Só que a única coisa municipal, petista (!), aí, são as passagens de ônibus. Então, pau nelas. Só elas subiram, sugerem os jornais.

E há o achatamento dos salários, o desemprego. Já o IPVA, luz, água, telefone, se multiplicam. Agora veio o IPTU, que é municipal (petista!). Portanto, pau nele.

A vida não está ruim porque o avô aposentado está na miséria, o pai desempregado e os empregados na família ganham cada vez menos. Está ruim por causa do IPTU, que às vezes o sujeito nem paga, mas entra na gritaria geral. Ou ele paga dez mil por mês e chia: "Vou ter que pagar Cr\$ 100 mil, a metade do meu salário". Além de estar com salário baixo, o sujeito manipula: os 100 mil de IPTU são por ano, e os 200 mil (miseráveis) do salário são por mês. Mas não faz mal. Tudo vale para chingar contra um imposto que é municipal e, portanto, dizem os Mesquitas e os Frias, petista.

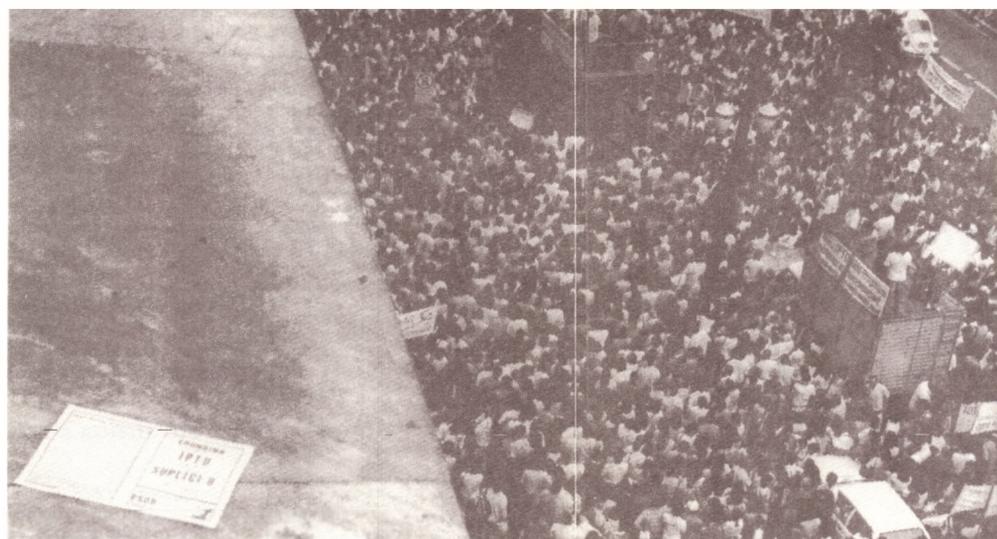
Não tem importância esquecer que em outras cidades também o IPTU é progressivo, e em muitas pagas-se mais que em São Paulo. É que São Paulo é o grande risco de uma administração petista bem sucedida provocar repercussão. Pedestistas já andaram procurando alianças com o PSDB. "Se tiver mais uma administração petista em seguida à de Erundina, disse um deles, "o PT virá um perigo para 1994". O PSDB, se não aceita a proposta malufista, no dia 24, a propósito do IPTU, panfletou o viaduto do Chá atacando a candidatura de Suplicy à prefeitura, portanto também temendo uma continuidade petista.

Mas o PMDB não fica fora disso. Erundina, num comício com milhares de pessoas no último dia 25, acusou Fleury e Quêrcia de estar por trás das decisões da Justiça de São Paulo contra a progressividade do IPTU.

Assim, nada melhor do que torcer para que a cidade vá para o brejo, isso também não tem importância, desde que o PT fique mal visto. E como estão conseguindo "provar" na imprensa que a única coisa que estraga a vida dos paulistanos é o IPTU, quem sabe o eleitor votará alegre, no fim do ano, num candidato do desemprego, do achatamento salarial, da corrupção, do pau nos aposentados e outras coisinhas por aí, mas contra o candidato do "IPTU da Erundina".

Só esperamos que o "eleito" anti-IPTU não seja Maluf, com as benções de muitos tucanos e do PMDB de Quêrcia.

PEDRO LUÍS



Câmara Municipal de São Paulo, 25 de fevereiro: 5 mil pessoas...

... apóiam a progressividade dos impostos



Para Amir Khair (D), a decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo, presidido por Odyr Porto (E) "foi um voto político, a serviço dos poderosos".



JOSE ARAUJO / R

Progressivo, pero no mucho

Muita gente defende o princípio aplicado pela prefeitura. Mas discorda das taxas cobradas.

O aumento do IPTU em São Paulo não provocou apenas a mobilização da direita. No centro e à esquerda, a discussão também é intensa. Não se discute se os mais ricos devem pagar mais, ou não; a progressividade é aceita, generalizadamente. As questões são outras. A primeira delas: o aumento real de 32% no IPTU, após um aumento médio de 125% no ano anterior, não é excessivo, considerada a crise, o empobrecimento das camadas pobres e médias? (Não se discute, sequer, a oportunidade, o caráter antieleitoreiro da medida. É um aumento de IPTU em ano eleitoral. "Há vinte anos isso não ocorre em São Paulo", diz um técnico da Fazenda.)

DESPROPOSITADO. Num discurso de uma hora no Senado, no último dia 20, o senador Mário Covas, que já foi prefeito de São Paulo tendo Erundina como líder da bancada de vereadores petistas, caracterizando-se como amigo do PT e eleitor de palanque de Lula, sustentou que o aumento é tão grande e fora de propósito que é ele o responsável pela gritaria que ameaça derrubar a conquista maior dos anos recentes, a progressividade.

Covas usou os números que estão no quadro desta página (são também os oficiais) e revelou uma receita crescente da prefeitura, 50% superior a de seus melhores tempos (de 1978), em termos absolutos. Contestou ainda a afirmação de que há um número enorme de isentos. Fez a observação aguda, justa, de que a isenção é apenas para o IPTU. Na cartela, que se identifica popularmente como o IPTU, este imposto é apenas uma de quatro cobranças, no entanto. As outras três são taxas, para as quais não há isenção e que subiram mais ainda: a de conservação das ruas, que subiu perto de 100%, em média; a de limpeza, que subiu 50% e a de sinistros, para serviços do corpo de bombeiros, paga apenas por imóveis comerciais. Para um IPTU previsto inicialmente em 720 bilhões, em cruzeiros de janeiro de 1992, as taxas chegam a 293 bilhões. Se o IPTU fosse reduzido de acordo com a liminar da Justiça do Estado, ficaria com metade do valor das taxas, 130 bilhões.

Contra o argumento principal de Covas é preciso levantar duas objeções, no entanto. Uma coisa é o valor absoluto da receita da cidade. Outra é a receita per capita. Uma terceira, ainda, é a receita necessária nesses anos de aguda crise, de ampliação da procura dos serviços públicos pelos mais pobres. No quadro que dá a receita per capita da Prefeitura, pode-se ver como a situação é diferente. Na melhor das hipóteses, a receita em 1992 é 15% acima do nível de 1978.

REGRESSIVIDADE. Outro argumento contra o imposto foi a do jornal *Hora do Povo*, levantado no estilo truculento e provocativo habitual da força que orienta a publicação, o MR-8. O HP do



PROTÁSIO NENE/AE



AE

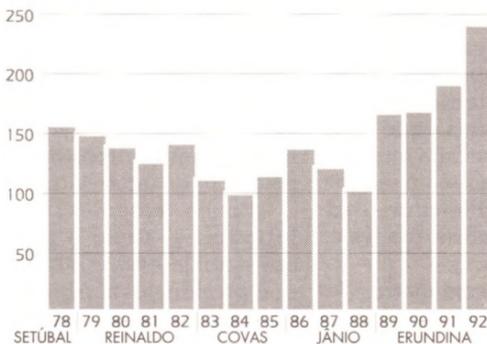
Erundina, atacada, deu nome aos bois: Quêrcia e Fleury minam o IPTU. Covas engrossou o coro de críticas.

dia 13 caracterizou como "mutreta da Prefeitura" o fato de os aumentos, de 1991 para 1992, terem sido, ao contrário do que é a crença comum, regressivos e não progressivos - isto é, foram maiores para os mais pobres e menores para os imóveis de maior valor, de um modo geral. O jornal reproduziu uma tabela, a partir dos números oficiais, que prova essa avaliação.

O problema desse argumento é sustentar-se apenas no valor percentual dos aumentos. E apenas neste ano, ignorando os anos anteriores, em que a Prefeitura aplicou aumentos fortemente progressivos. O fato é que as alíquotas menores do IPTU estavam em níveis irrisórios - 0,08% era a mais baixa. Ao pular para 0,2%, o mínimo atual, o saldo foi de 250% reais. Mais inflação, mais os aumentos das taxas, o resultado são as correções de até mil, dois mil por cento que os carnês dos mais pobres revelaram. Em valores absolutos, no entanto, são pagamentos men-

ERUNDINA RECUPEROU A RECEITA ...

Índice das receitas correntes reais da Prefeitura de São Paulo (1984=100)



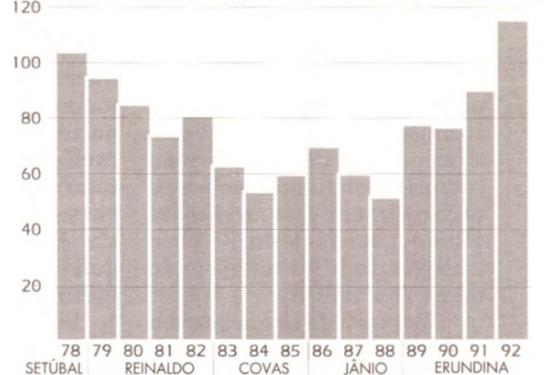
*Caso prevaleça o imposto aprovado na Câmara

sais generalizadamente pequenos diante das despesas de água, luz e outras. Na tabela que está ao lado da divulgada pelo HP (abaixo), pode-se observar como a imensa maioria dos trabalhadores pobres paga menos de 15 mil cruzeiros por mês de IPTU.

SONEGADORES. A Prefeitura resolveu, de 1991 para 1992, não forçar um aumento ainda maior

... MAS A POPULAÇÃO CRESCEU MUITO

Índice da receita da Prefeitura por habitante (em Cr\$ de 91 per capita)



*Caso prevaleça o imposto aprovado na Câmara

nos mais ricos para evitar a inadimplência. Os ricos são os que mais sonogam: têm advogados, jogam com a mudança de prefeito e as famosas anistias fiscais, buscam ganhar tempo.

Outro argumento em defesa da política da Prefeitura é o de que os pobres devem também pagar na justa medida; não se deve agir com paternalismo, como era o caso das tarifas míni-

mas que se cobrava antes.

Finalmente, mas não a menor das questões: a Lei 11.152 da Prefeitura, que estabeleceu o IPTU, é uma regra da cidade capitalista, com todas as suas seqüelas. Não poderia ser, é claro, uma lei socialista: que levasse em conta o princípio de tirar de cada um segundo as suas possibilidades. Mas não leva em conta sequer a capacidade do contribuinte, prevista na Constituição brasileira atual, mesmo que com ressalvas.

A lei foi aprovada na Câmara no último dia do ano. Basicamente votou-se apenas a redução do aumento proposto pela Prefeitura, de 80 para 32%. Não houve um aprimoramento da lei que permitisse, por exemplo, minorar as aflições dos muitos milhares de cidadãos que têm uma casa de valor alto, por uma razão ou outra - muitas vezes, uma vida de trabalho - mas não têm renda equivalente. Ou porque são desempregados, ou aposentados; ou porque empobreceram pela crise; ou até, vejam só, porque escolheram não perseguir o dinheiro como grande objetivo de vida.

Para essas pessoas, a prefeitura de Porto Alegre fez uma lei que leva em conta, dentro de certos limites, as condições do contribuinte. Ela garante reajustes não superiores à inflação para pessoas de mais de 65 anos proprietárias de um único imóvel, para os que têm renda inferior a 10 salários mínimos com terrenos de até 600 m2 destinados à construção de casa própria, e outras exceções. Um exemplo para quem quer ouvir os clamores legítimos, do povo.

RAIMUNDO RODRIGUES PEREIRA

TABELAS QUE SERVEM DE ARGUMENTO

QUANTO O IMPOSTO SUBIU DE 1991 PARA 1992

Valor do imóvel em milhões Cr\$	Aumento do IPTU em 92
IMÓVEIS COMERCIAIS	
Até 3,1	362%
De 3,1 a 19,6	de 316 a 185%
De 19,6 a 47,1	de 127 a 100%
De 47,1 a 392,8	de 80 a 71%
De 392,8 a 589,2	94%
Mais de 589,2	67%
IMÓVEIS RESIDENCIAIS	
De 11,0 a 55,0	de 107 a 88%
De 55,0 a 326,0	de 135 a 120%
De 326,0 a 589,2	99%
Mais de 589,2	48%
TERRENOS VAZIOS	
Até 1,9	89%
De 1,9 a 11,8	de 70 a 26%
De 11,8 a 58,9	de 14 a 4%
De 58,9 a 353,5	de -4 a -6%
Mais de 353,5	-2%

Tabela simplificada, agrupando faixas. Fonte: Hora do Povo, 18.02.92

Dados básicos: PMSP. Preços de janeiro de 1992

NÚMERO DE CONTRIBUINTES POR FAIXA DE VALOR

Valor das prestações mensais em mil cruzeiros	Número de contribuintes com estas prestações
0,9 a 4,9	491.604
4,9 a 6,5	250.000
6,5 a 10,4	500.000
10,4 a 15,0	300.000
15,0 a 21,2	200.000
21,2 a 27,1	100.000
27,1 a 31,7	50.000
31,7 a 37,8	49.418
37,8 a 46,6	50.000
46,6 a 59,4	50.242
59,4 a 80,6	50.000
80,6 a 123,0	49.897
123,0 a 238,3	50.000
238,3 a 542,4	30.000
542,4 a 1.089	10.000
1.089 a 2.115	5.000
Mais de 2.115	5.000

Fonte dos dados brutos: PMSP. Preços de janeiro 1992

CHINA: há o que aprender

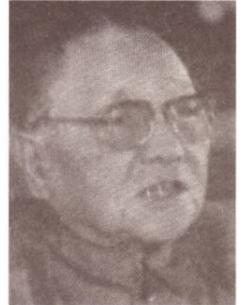
TRÊS FACES DA CHINA



Chu En-Lai



Mao Tsé-Tung



Den Xiao Ping

No país do meio, o fechamento político se combina com reformas econômicas surpreendentes.

O grande desafio da esquerda neste final de século é reconstruir a utopia socialista diante das imagens da queda do muro de Berlim, dos fuzilamentos recentes em Cuba e do massacre dos estudantes na praça Tienamen.

Além do imenso desafio de construir um projeto socialista renovado, temos que nos defrontar com um mundo unipolar do ponto de vista político militar, onde o neoliberalismo avança como ofensiva ideológica e proposta de reestruturação capitalista nos países pobres do sul do planeta.

Em que medida a tentativa de construir o socialismo na China pode contribuir para nosso esforço teórico e político, para resistir a esta ofensiva e avançar em direção a um projeto alternativo de desenvolvimento e uma nova concepção de socialismo com democracia? Do ponto de vista político, nada. O regime chinês continua fechado, sem liberdade partidária, ritos de legitimação e alternância de poder, e carregando o pesado fardo do massacre de Tienamen. Porém, do ponto de vista econômico-social é uma experiência com resultados significativos na perspectiva de articular a modernização tecnológica com o atendimento das demandas populares. Também no que se refere a política internacional e resistência ao neo-liberalismo, o papel da China ganha importância estratégica.

MODERNIZAÇÃO. As reformas econômicas chinesas, partem da definição de que o país se encontra em uma etapa primária de construção do socialismo. As reformas procuram impulsionar o desenvolvimento das forças produtivas, avançar a industrialização, criar bases materiais para a construção do socialismo e abrir o país para o exterior. A formulação básica é a "economia socialista mercantil planificada", ou seja, uma tentativa de articular mercado e planificação. Os planos quinquenais e a planificação centralizada se concentram nos objetivos estratégicos do desenvolvimento. O mercado como espaço da troca social passa a ser incorporado como mecanismo regulador complementar da economia e dinamizador da produção social.

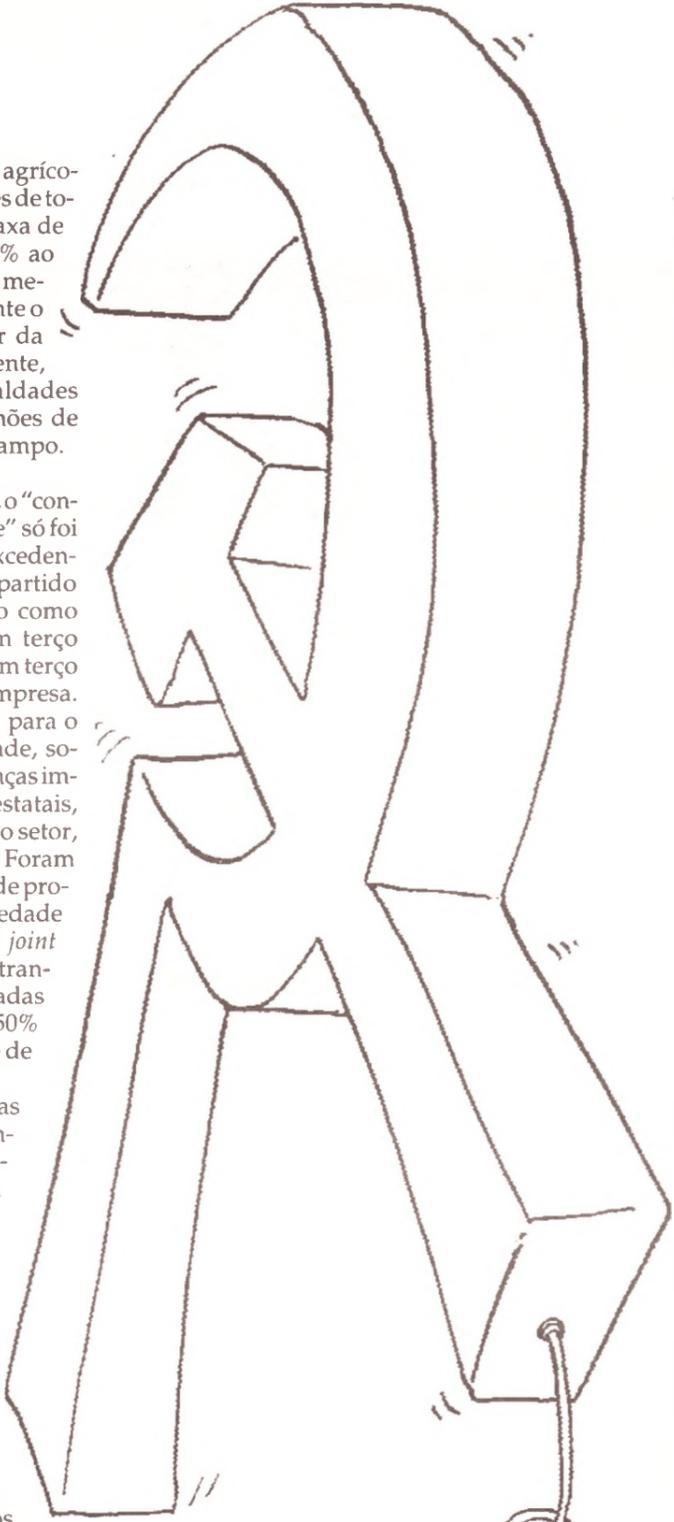
No campo, o "contrato de responsabilidade", introduzido a partir de 1979, passou a definir as famílias como unidades básicas da produção camponesa, modificando radicalmente as relações entre a comuna e a família. O produtor rural, a partir das metas definidas pelo plano, pode comercializar direta e livremente o excedente econômico no mercado. Estas mudanças im-

pulsionaram a produção agrícola, que atingiu 435 milhões de toneladas de grãos. Uma taxa de crescimento médio de 8% ao ano no último período, melhorando substancialmente o abastecimento alimentar da população e, paralelamente, aumentando as desigualdades sociais entre os 800 milhões de chineses que vivem no campo.

DUALISMO. Na indústria, o "contrato de responsabilidade" só foi introduzido em 1984. O excedente econômico deve ser repartido em três partes: um terço como distribuição salarial, um terço como políticas sociais e um terço para investimentos na empresa. Este estímulo contribuiu para o aumento da produtividade, somando-se a outras mudanças importantes. As empresas estatais, que concentravam 90% do setor, ficaram reduzidas a 54%. Foram diversificadas as formas de propriedade, sendo a propriedade privada apenas 5%. As *joint ventures* com empresas estrangeiras foram regulamentadas e difundidas, crescendo 50% ao ano nesta modalidade de parceria internacional.

O conjunto de reformas econômicas dos anos oitenta permitiu que o PIB dobrasse e mantivesse uma taxa média de crescimento de 8% ao ano no último período. A instabilidade e os problemas macroeconômicos emergiram em 1989 com intensidade. Uma inflação que chegou a ser projetada a 30% ao ano e uma política de ajuste duro e recessivo, implantado logo após aos trágicos acontecimentos de Tienamen. Em 1991 a economia voltou a crescer em 7,1% com uma inflação de 3% ao ano. Há problemas de déficit público e de baixa produtividade nas empresas estatais. Finalmente, as reformas introduziram as "Zonas Econômicas Especiais", verdadeiros paraísos fiscais, para atrair investimentos voltados às exportações. A China recebeu 43 bilhões de dólares de investimentos externos desde as reformas, criou grandes pólos com indústrias de ponta e competitivas a níveis internacionais, com regras definidas, mas capitalistas. A formulação básica é "dois sistemas em um só país", partindo da definição que o atraso tecnológico era muito profundo e não havia outro caminho para disputar as novas tecnologias. Cabe lembrar que a China vai reincorporar Hong-Kong em 1997, um grande centro comercial do capitalismo na Ásia.

NOVOS TEMPOS. A China não está mais marcada pelo ímpeto



revolucionário de grandes mobilizações de massas, ousadia política e lideranças carismáticas. A China vive um período de reformas, implantadas com relativo sucesso, por lideranças que mais administram mudanças do que entusiasmam o povo. O anseio por liberdades democráticas parece poderoso, mas não há sinais de instabilidade política. A questão das minorias nacionais é um problema localizado em duas províncias; em um país onde a maioria han é 93%. As reformas econômicas foram bem sucedidas. Em nível internacional parece não haver mais interesse em desestabilizar um país de 1,1 bilhão de pessoas depois dos acontecimentos do Leste Europeu. Mas é inevitável um processo de erosão do regime político autoritário ao longo do tempo.

ALOÍSIO MERCADANTE, Deputado Federal e membro da executiva nacional do PT. Esteve recentemente na China, em uma delegação oficial e suprapartidária de parlamentares brasileiros.



AS RELAÇÕES DO PT COM A CHINA

O PT, no contexto da campanha presidencial, de 1989, respondeu de forma imediata e radical ao massacre da Praça Tienamen. Rompeu as relações com o Partido Comunista Chinês, e pediu um boicote econômico como forma de retaliação e apoio à luta pela democracia naquele imenso país. O PT tem na democracia um valor fundamental, acredita que socialismo é democracia, e não se pode abrir mão destes princípios fundamentais para se posicionar diante da política internacional. Porém, acredito que boicote econômico é uma medida que penaliza todo um povo, e que não se pode solicitar ou apoiar sem uma análise muito cuidadosa e somente em casos extremos. Foi uma atitude precipitada e equivocada.

Estamos falando de um país com 22% da população do planeta, com desdobramentos imprevisíveis se de fato a China se desestabilizar ou for submetida a este tipo de pressão internacional. Quanto a romper de forma definitiva as relações com o PCC, acho que também mereceria um debate mais profundo. O PT podia e devia repudiar o massacre dos estudantes, mas romper relações internacionais significa eliminar o debate, o diálogo, o contato político. Podemos ser críticos, radicalmente diferentes, mas dispostos a debater e contornar nossos valores e projetos políticos. Esta discussão é pertinente, para um partido que novamente estará disputando o governo do Brasil em 1994.

O PT tem no futuro próximo grandes desafios. Na política internacional, terá que polarizar o confronto com o neo-liberalismo e procurar uma linha de resistência econômica que compatibilize: desenvolvimento, modernização e atendimento às imensas demandas populares. Creio que a experiência econômica da China não é modelo, não é uma resposta pronta e acabada, mas abre novas possibilidades entre planejamento e mercado. É de nosso interesse analisar e aprofundar o conhecimento sobre o que está ocorrendo na Ásia em geral e na China em particular.

Na política internacional, os países de maior peso político entre os do "terceiro mundo" são parceiros fundamentais neste momento da história. Os países não-alinhados estão totalmente desarticulados, sem identidade, projeto e iniciativas. Na ONU, as grandes potências introduzem o debate sobre o "direito de intervenção", a partir da experiência do Iraque, tentando legislar a possibilidade de intervenção militar no "terceiro mundo". O debate econômico Norte-Sul, envolvendo a dívida externa, a cooperação econômica, a transferência de tecnologia simplesmente saiu da agenda.

O Brasil precisa de parceiros que estejam dispostos a enfrentar esta problemática, e parceiros que tenham peso, como a Índia, o México, a China, além evidentemente dos países próximos da América Latina.

No que se refere às relações comerciais do Brasil no "terceiro mundo", a China foi o segundo país mais importante em 1985 e hoje é o quarto. O comércio bilateral já atingiu 1,2 bilhões de dólares, e há condições de diversificar a pauta do comércio e projetos de ciência e tecnologia. É preciso manter e incrementar relações econômicas com a China, conhecer melhor o sentido e os desdobramentos das reformas, e deixar claro que jamais o PT fará concessões na nossa definição de que socialismo é democracia.

(A. M.)

PIMENTA SEM REFRESCO



DIPLOMACIA 1

Israel invadiu mais uma vez o território libanês, esmurrou os xiitas do Hezbollah (o "Partido de Deus") com o apoio dos mercenários cristãos do Exército do Sul do Líbano e voltou pra casa. Na semana seguinte, os delegados israelenses devem estar mais uma vez nas negociações de paz para o Oriente Médio, em Washington.

DIPLOMACIA 2

O Líbano e seu pai-padrão, a Síria, entenderam o recado e avisaram à turma do Hizbolah para dar um tempo nos ataques a Israel, porque agora não é hora de confronto direto. Na semana seguinte, sírios e libaneses estariam mais uma vez nas negociações de paz, em Washington. Coisas de diplomacia...

SHAMIR

Raposa das mais felpudas, o primeiro-ministro israelense Itzhak Shamir tinha um alvo certo, ao ordenar o ataque ao Líbano e a morte do líder do Hizbolah, xeque Abbas Mussawi. O alvo eram as conversações de paz. Mussawi buscava um acordo entre o Irã e a Síria, libertou os reféns ocidentais detidos no Oriente Médio e admitia participar de eleições no Líbano. O novo líder do Hizbolah, Hassan Nasrallah, é um homem duro do Irã e pode tentar partir para o choque frontal com Israel.



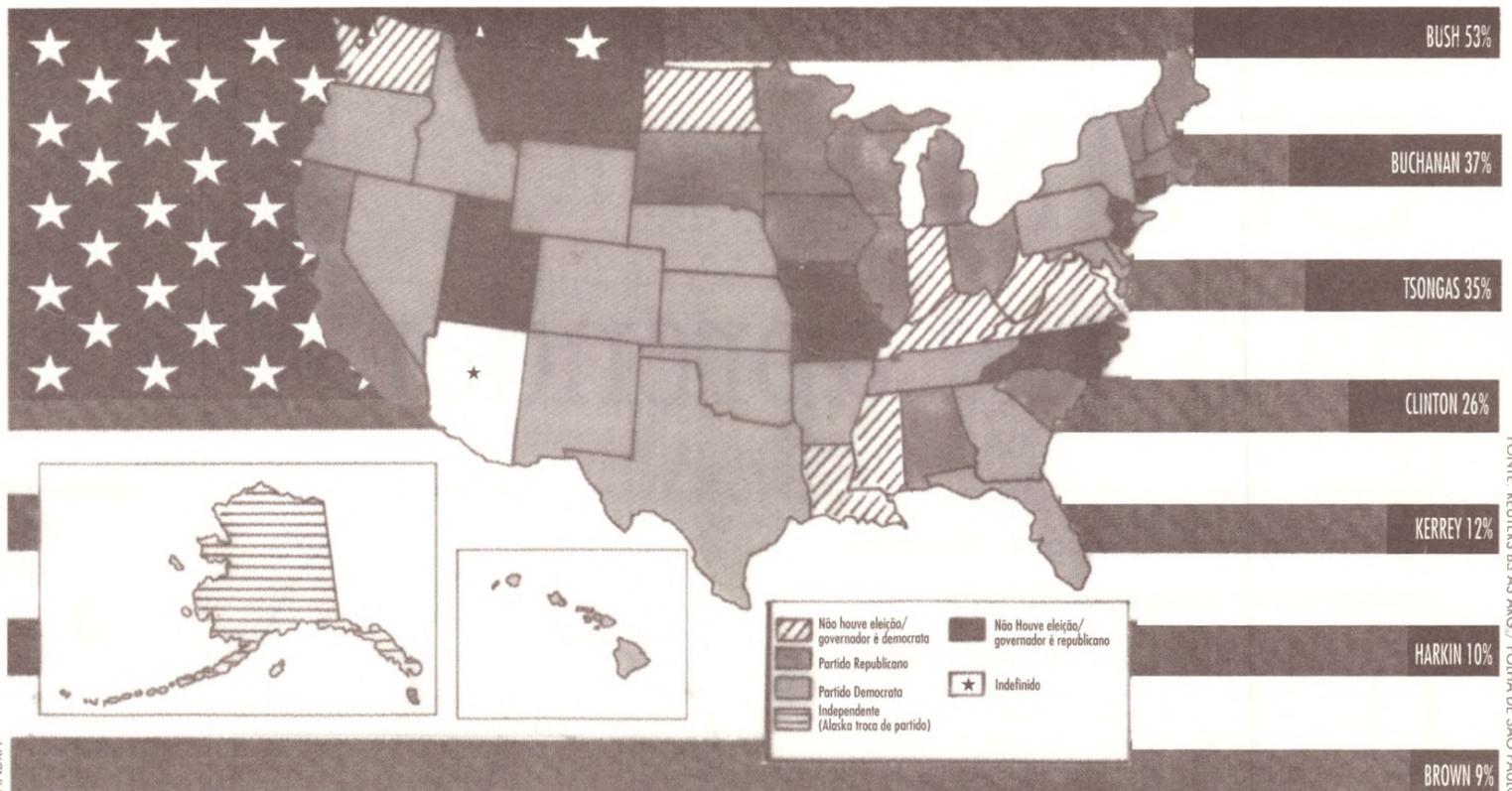
OLP

O confronto colocaria Yasser Arafat na insuportável posição de ou embarcar em uma guerra que sabe ser perdida, ou desgastar-se entre os palestinos, perdendo espaço para a facção xiita Hamas. As negociações de paz seriam então rompidas pela OLP e Shamir, que nunca cedeu nada, sairia limpinho. Até agora, Yasser Arafat não aceitou a provocação.

JAYME BRENER



DEMOCRATA OU REPUBLICANO... TANTO FAZ, DE QUALQUER JEITO A GENTE ENTRA PELO CANO...



Nos mapa, a força de democratas e republicanos em novembro de 90. À esquerda, os resultados de New Hampshire.

ELEIÇÕES AMERICANAS

Nada de expectativas

Tradição, família e propriedade ainda atraem eleitor puritano, que não vê a crise ao seu lado.

As primárias de New Hampshire no último dia 18 não apenas indicaram que o presidente americano George Bush está mais enfraquecido do que esperava, mas que o eleitorado americano acredita que somente os conservadores serão capazes de resolver seus problemas. O adversário de partido de Bush, Pat Buchanan - que nunca concorreu a um cargo eletivo e é comentarista de tevê -, surgiu na esteira deixada por outro republicano, o ex-líder da Ku Klux Klan, David Duke. Buchanan é um católico educado por jesuítas que rejeita o catolicismo pós-Concílio Vaticano II. No campo político, ele não é menos radical. No ano passado ele elogiou Adolf Hitler e o senador anti-comunista Joe McCarthy, que comandou a perseguição ideológica na década de 50. Buchanan sabe, porém, que suas chances são bastante reduzidas e, por isso, decidiu fazer de sua candidatura uma cruzada ideológica.

New Hampshire também

deixa claro que o cidadão americano acredita que apenas uma política protecionista pode tirá-los do buraco. Paul Tsongas, vencedor pelos democratas das primárias de New Hampshire, acredita que com o fim da guerra fria o poder vai gravitar apenas em torno daqueles que puderem assinar um cheque e não daqueles que têm armas e exército. O poder nuclear nada significa, na opinião de Tsongas, não porque ele seja um pacifista, mas porque entende que o mundo entrou numa fase de divisão exclusivamente econômica, onde o conflito norte-sul é que define de que lado se está. Tsongas certamente não quer que os EUA venham para baixo do Equador, onde está a maioria das nações do Terceiro Mundo. E se os EUA não adotarem uma política protecionista acirrada, não terão como concorrer com o poder econômico das grandes nações, em especial dos japoneses.

A nova política dos democratas não fala mais em distribuição

de renda, mas na vitória da competência e da ordem, certamente inspirada na crítica dos japoneses, para quem os trabalhadores americanos são preguiçosos. A confusão entre os democratas é que, além da questão protecionista, que é defendida com maior ou menor paixão pelos candidatos democratas e republicanos, eles não sabem como atacar objetivamente a política econômica de Bush. A proposta de redução de impostos é uma marca registrada dos republicanos e já não exerce o mesmo apelo, já que dificilmente é cumprida.

DEFICIÊNCIAS. O desemprego, apesar da crise econômica, não atingiu um índice que chega a assustar o americano médio (em janeiro ficou na faixa dos 7%). O eleitor quer basicamente que o governo ofereça aquilo que já foi capaz de fazer: crimes fora das ruas, educação e estradas. O cidadão ainda não percebeu que para restaurar estas conquistas é preciso repensar a sociedade

americana. Em relação aos imigrantes, por exemplo, só existem propostas para refrear o fluxo de entrada de estrangeiros vindos do Terceiro Mundo.

Nenhum dos candidatos demonstra estar consciente de que os hispânicos são hoje uma verdadeira força eleitoral. Na Califórnia, os hispânicos representam 10,4% dos votos e no Texas, terceiro estado mais populoso, 14,8%. Como os negros há 20 anos, os hispânicos ganham espaço no cenário nacional. As eleições presidenciais americanas mostram que apesar do país não viver na mesma pujança do pós-guerra e enfrentar problemas típicos de Terceiro Mundo, como uma educação falha, a falta de um programa de assistência à saúde administrado pelo estado e com as favelas crescendo ao redor dos centros urbanos, o eleitorado continua mais preocupado com a moral puritana, que não permite a violação da família, tradição e propriedade.

FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE

GUERRA FRIA BLUES

Um inimigo, pelo amor de Deus!

À cata de justificativa para sua existência, militares procuram doutrinas e inimigos.

Com o fim da guerra fria morreram as mais importantes doutrinas militares contemporâneas, inclusive a da "dissuasão nuclear", compartilhada pela OTAN e pelo Exército Vermelho. O vazio é tão profundo que, segundo a imprensa dos Estados Unidos, o próprio povo americano sente-se desorientado, como se tivesse perdido a memória ou a identidade, tudo porque, de repente, perderam o inimigo. Exércitos não podem existir sem inimigos. O mais simples seria dissolver os exércitos. Mas ainda não chegamos lá. Eles sobreviveram à guerra fria e a identidade de cada um tem que ser dada pela de um inimigo, não

importa se real ou imaginário. Para isso existe a doutrina militar, que é ao mesmo tempo uma estratégia, uma ideologia e um instrumento de trabalho. Daí a importância dos últimos pronunciamentos militares que vêm ocorrendo em todo o planeta. São os primeiros exercícios de elaboração de doutrinas militares da era "pós".

A "AMEAÇA". O Pentágono incluiu entre os requisitos para uma nova doutrina "a ameaça externa, à medida que o Terceiro Mundo desenvolve-se tanto em sofisticação como em terrorismo e em outras áreas". Com base nesta listagem, o Pentágono

recomendou a reorientação de ogivas nucleares para todo país do Terceiro Mundo "que ameaçar seus vizinhos ou os Estados Unidos". Na Europa, o artigo VIII do Tratado de Bruxelas modificado prevê "um sistema detalhado de consultas para a ação coletiva fora da Europa, caso um ou mais Estados membros sintam sua prosperidade ou segurança ameaçada". Esse sistema passou pelo teste prático na Guerra do Golfo.

Já os generais russos estão atrapalhados. "A Comunidade de Estados Independentes não tem inimigos", diz o marechal russo Yevgeny Shaposhnikov, para acrescentar contraditória-

mente: "nós nos defenderemos contra todos". Isso depois do fracasso de uma primeira tentativa do Exército Vermelho de encontrar rapidamente um inimigo, quando os 5 mil oficiais russos reuniram-se na Praça Vermelha, em 17 de janeiro, "esperando uma ordem de ação que não veio e, assim, perdendo a oportunidade de se constituírem numa força política", diz o coronel Viktor Alksmis, muito aborrecido. Mas o exército iugoslavo não hesitou: "o inimigo eram os croatas, que massacraram sérvios durante a Segunda Guerra Mundial".

BERNARDO KUCINSKY de Londres

Tempo de espiritualidade

Mais do que simples moda, o esoterismo expressa uma busca pela ampliação da consciência.



Gustave Doré: Ilustração para A Divina Comédia, de Dante. Conduzido por sua amada Beatriz, o poeta contempla a gloriosa perspectiva do Empíreo. Mais do que fantasia poética, a imagem retrata uma experiência visionária de Dante, em estado superior de consciência.

Um espectro ronda os materialistas. É o fantasma do renascimento da espiritualidade. Os sintomas são tantos que nos perderíamos num cipoal de cifras e dados tentando rastreá-los. Bastam alguns exemplos.

No mercado editorial, assuntos esotéricos, místicos ou espirituais se transformaram num dos filões mais rentáveis. No cinema, filmes como *Ghost*, *Além da Eternidade* e *Manika* exploraram, com competência e sucesso, os temas da sobrevida e da reencarnação. Na vida cotidiana, práticas até recentemente consideradas exóticas se incorporam aos hábitos de um número cada vez maior de pessoas. São confecções de mapas astrais e horóscopos, leituras de tarô, I ching, búzios e runas, uso de cristais, pirâmides e medicamentos florais, defumações, banhos de erva e cantos de mantra, orações em grupo, meditações e consultas a guias e mestres espirituais. Como explicar tudo isso? Os críticos reducionistas têm a resposta na ponta da língua: simples escapismo frente a uma conjuntura de crise econômica e social, habilmente manipulado pela indústria cultural capitalista e pela ideologia dominante. Porém, há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia ou sociologia.

Para começar, o renascimento da espiritualidade não é exclusivo de países caindo aos pedaços como o Brasil. Ocorre também - e com muito mais impacto - nas sociedades opulentas do "primeiro mundo".

Depois, se pretendermos desenterrar as raízes recentes da atual tendência, seremos obrigados a escavar até os anos 60 ou talvez mais fundo.

Crise, escapismo, manipulação existem, não há dúvida. Mas não determinam a essência do fenômeno; apenas sobredeterminam algumas de suas manifestações.

LÍDERES DIVINIZADOS. Para além do delírio e da mistificação, o renascimento da espiritualidade expressa um movimento profundo do próprio espírito. Tentaremos ilustrar esse ponto de vista, mudando de departamento: da sociologia para a psicologia.

Freud, sabemos, considerava as idéias religiosas como ilusões. Deus seria, para ele, uma exacerbação da figura do pai, respondendo à nossa necessidade de proteção frente ao sentimento de desamparo que carregamos pela vida. Nesses termos, toda experiência mística ou religiosa é considerada neurótica, mera expressão do complexo paterno.

Na visão de Jung, ao contrário, a espiritualidade constitui dimensão fundamental da psique. Quando a recalamos, ela acaba aflorando, muitas vezes, onde menos se espera.

Em suas *Memórias*, Jung afirma que Freud, proclamando sempre e insistentemente sua irreligiosidade, construiu um dogma, ou melhor, substituiu o Deus ciumento que perdera por outra imagem, a da sexualidade. É o mesmo mecanismo de compensação que fez, em Estados auto-proclamados ateus, a

religião ser substituída pelo culto do partido único ou de líderes todo-poderosos - fossem eles figuras mundialmente idolatradas, como Stálin e Mao Tsé Tung, ou "divindades locais", como Enver Hodja e Fidel Castro.

Nesses casos, reconheça-se, a dimensão espiritual autêntica foi totalmente contaminada, ou sobredeterminada, pelo "complexo paterno", de que falava Freud.

ALÉM DO EGO PESSOAL. O psiquiatra tcheco Stanislav Grof vai ainda mais longe do que Jung. Para ele, o enfoque materialista reflete uma profunda alienação do indivíduo, falta de verdadeira auto-compreensão e repressão de domínios básicos da psique. Ao adotá-lo, a pessoa se identifica unilateralmente com um aspecto parcial de sua natureza e com um modelo limitado de consciência.

Grof fala com conhecimento de causa, pois durante mais de

trinta anos realizou, na Europa e Estados Unidos, uma exaustiva pesquisa experimental da consciência.

Utilizando procedimentos que funcionam como poderosos catalisadores e amplificadores da atividade psíquica, ele verificou que, além das "regiões" já mapeadas pelas teorias psicológicas convencionais, existe um vasto e desafiador domínio (o das "experiências transpessoais"), para o qual o paradigma científico dominante (materialista e mecanicista) não oferece qualquer explicação aceitável. Essas experiências, que sugerem uma expansão da consciência muito além das fronteiras do ego pessoal e das limitações de espaço e tempo, são em tudo semelhantes aos estados superiores do ser descritos pelas grandes tradições místicas e espirituais.

Plotino, o grande filósofo neoplatônico do século III, situava o homem a meio caminho entre as bestas e os deuses. Essa

genial imagem é mais rica em significados do que parece. Pois a consciência humana cobre todo o vasto arco que vai de um extremo a outro. Em seus níveis inferiores, ela está ainda imersa na animalidade: é instintiva, impulsiva, libidinosa. Nos níveis superiores, ela alcança estados cada vez mais sublimes e transcendentos.

EXPERIÊNCIA X RAZÃO. O ego mental, que costumamos confundir com a totalidade da consciência, representa, na verdade, apenas uma estreita faixa média nesse espectro. Seu papel é fundamental no processo de humanização, permitindo ao indivíduo e à espécie superar a ditadura dos instintos e as premissas do presente imediato. Quando nos apegamos a ele e exageramos sua importância, o ego se transforma num déspota, obstaculizando por todos os meios a emergência dos níveis superiores da consciência.

Estudo exaustivo dos múltiplos estágios da consciência e da dinâmica entre eles foi realizado pelo norte-americano Ken Wilber, um dos mais importantes teóricos contemporâneos da psicologia. Sua obra é referência obrigatória na discussão sobre o renascimento da espiritualidade. Todo o modelo de Wilber encontra-se resumido, porém, numa fase de Mohammed El-Ghazali, filósofo persa do século XII. "A criança", disse Ghazali, "não tem um conhecimento verdadeiro das realizações do adulto. O adulto comum não compreende os feitos do homem de saber. Da mesma forma, o homem de saber não alcança as experiências dos santos iluminados". A experiência mística autêntica só é obtida nos níveis superiores da consciência. Os argumentos racionais são atributos dos níveis médios. Criticar aquela a partir destes - como faz Freud em *O futuro de uma ilusão* - é tão ingênuo quanto o esforço oposto dos filósofos escolásticos em apresentar provas lógicas da existência de Deus.

ABERTURA AO DIÁLOGO. Quando escreveu seu texto, na década de 20, Freud - como antes dele Marx e Engels - estava ainda embriagado pela visão triunfalista de ciência do positivismo do século XIX. Hoje, os cientistas descobrem-se cheios de um "sentimento de inquietação e dúvida", para utilizarmos as palavras do químico russo Ilya Prigogine (prêmio Nobel de 1977).

Depois da revolução científica iniciada na física pela teoria da relatividade e a mecânica quântica, o próprio conceito de matéria com que trabalha a ciência já não tem nada a ver com as simplórias imagens do senso comum.

Numa auspiciosa mudança da atitude, a Declaração de Veneza, de 1986, assinada por cientistas da maior estatura, proclama a necessidade de um "novo e enriquecedor intercâmbio" entre a ciência e as tradições espirituais.

Após longo período de inflação do ego e fetichismo da razão, o renascimento da espiritualidade traz à tona uma ainda incipiente e confuso, mas promissor anseio de mudança. Mudança rumo a estágios superiores de consciência e maneiras mais evoluídas de ser e estar no mundo. Abaixo da superfície, há o movimento maior do espírito, que, superando a matéria na qual esteve alienado, busca se reencontrar. Com seu materialismo, Marx pretendeu virar Hegel de cabeça para baixo. A construção de um novo paradigma exige que se vire Marx pelo avesso.

JOSÉ TADEU ARANTES



EDUCAÇÃO

O "BOOM" COOPERATIVO

Bahia descobriu recentemente uma forma de driblar a crise que já vem sendo utilizada em outros estados. Da metade do ano passado para cá, uma intensa campanha liderada por Pedro Barreto, presidente da Associação de Pais de Alunos da Bahia, revolucionou o conceito de educação defendido pelas famílias de classe média.

Diante da crise econômica e dos aumentos abusivos e arrochantes das mensalidades das escolas particulares, a solução foi transformar a educação num produto comercializado sem fins lucrativos. Surgiram as cooperativas escolares, formadas por pais que contratam professores, alugam prédios, montam infra-estrutura e rateiam as despesas. Mensalmente, cada um paga, em média, de Cr\$ 50 mil a Cr\$ 60 mil, preços sensivelmente inferiores aos praticados pelos estabelecimentos particulares.

Sem dinheiro para bancar a educação dos filhos nos tradicionais colégios particulares, os pais de classe média têm apenas duas opções: ou o ensino público decadente ou as cooperativas. Uma delas, a Coeduc, já conta com 5 mil alunos para o ano letivo, que se inicia em 9 de março. Só os grandes colégios de Salvador têm esta demanda.

As cooperativas enfrentam adversários de todos os lados, numa campanha liderada pela presidenta do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, Yolanda Piva. A batalha mais importante atualmente é fazer com que o Conselho Estadual de Educação (CEE), órgão vinculado à Secretaria de Educação, reconheça oficialmente as cooperativas. Os que são contrários à idéia argumentam que muitas cooperativas são organizadas de forma irresponsável, sem propostas pedagógicas coerentes. O assunto gera polêmica, principalmente em relação à qualidade de ensino, mas muitas famílias já optaram pelas cooperativas. A prova de fogo começa em março, quando se inicia o primeiro ano letivo dos seus estudantes.

NELSON RIOS,
de Salvador

O Cacto

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatuária:

Laocoonte estrangido pelas serpentes,
Ugolino e os filhos esfamados.

Evocava também o seco Nordeste, carnaubais, caatingas...

Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.

Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz.

O cacto tombou atravessado na rua,

Quebrou os beirais do casario fronteiro,

Impediu o trânsito de bondes, automóveis, carroças,

Arreventou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou a cidade de iluminação e energia:

- Era belo, áspero, intratável.

MANUEL BANDEIRA



A SEMANA

Davi Arrigucci e o Modernismo

Para Davi Arrigucci Jr., crítico e professor de Teoria Literária da USP, a Semana e o Movimento Modernista como um todo constituíram "uma hora de civilização no país", em contraste com o que hoje se vê, "o avanço da barbárie". Ele considera natural que se evoque o movimento hoje com nostalgia, admiração, parecendo que algo daquilo se perdeu e arrisca não voltar. Entretanto, insiste, isto não deve impedir que busquemos na Semana e em suas conseqüências novos estímulos concretos para o presente.

Davi sublinha a "experiência coletiva" como um dos traços mais marcantes do Modernismo. Também considera que o Movimento foi tão dinâmico que é difícil querer enquadrá-lo em "paradigmas estanques", como se faz ao ver o Movimento dentro de uma dicotomia entre os dois Andrades, Mário e Oswald. "Deve-se acentuar o contrário", diz. O Movimento fez-se por uma intensa "troca de experiências" e ocupou vários espaços, dentro do Brasil e fora dele. "Uma das vantagens do Modernismo foi criar um espaço livre para a crítica", prossegue: "Todos liam e criticavam todos, e isso foi muito significa-

tivo para o crescimento e consistência do conjunto". "Entre os modernistas há muita presença mútua, de uns nas obras dos outros". Este traço, para Davi, predomina sobre as diferenças.

POUCOS ESTUDOS. Davi sublinha que na imprensa, nas comemorações dos 70 anos, repetiu-se muito o lado mais público, polêmico e engraçado do Movimento. Ele acha mais importante buscar novas perspectivas, que auxiliem e ampliem a interpretação crítica do Movimento. "Há ainda muitos dados novos", muita coisa a estudar e avaliar. Cita como exemplo as edições mais recentes das cartas de Mário de Andrade, o estudo mais acurado do peso das vanguardas européias, os contatos entre Manuel Bandeira e o poeta Blaise Cendrars, que veio ao Brasil em 1924, a presença de procedimentos similares na poesia de Bandeira, na poesia Pau Brasil de Oswald de Andrade e na pintura de Tarsila do Amaral. Cita Davi o fato de que há poetas que ainda estão à margem dos estudos principais, como Raul Bopp, Dante Milano, Luiz Aranha, Emílio Moura, Abgar Renault, Murilo Mendes, Dantas Motta.

Davi ressalta que "nós não temos ainda toda a pesquisa documental feita, para que tudo isso possa ser integrado num saber crítico; há uma massa de coisas a se conhecer ainda, o que certamente irá mudar a compreensão do Movimento, aprofundando o conhecimento sobre seus princípios formais, seus princípios de estruturação, o que possibilitará, por exemplo, que se avance no juízo sobre a incorporação de elementos das literaturas estrangeiras". "Não temos ainda bons itinerários desses escritores", ressalta Davi. Cita exemplos: conhecemos pouco das leituras de Manuel Bandeira nesse período, trabalhamos pouco ainda com o material crítico produzido pelos modernistas quando da visita de Blaise Cendrars ao Brasil em 1924, num momento em que estão se definindo os rumos da poesia moderna no Brasil e no mundo. "Questões de igual peso podem se colocar quanto as relações com a sociedade, desde um ponto de vista ideológico", afirma.

As artes plásticas eram uma dominante de ponta no movimento".

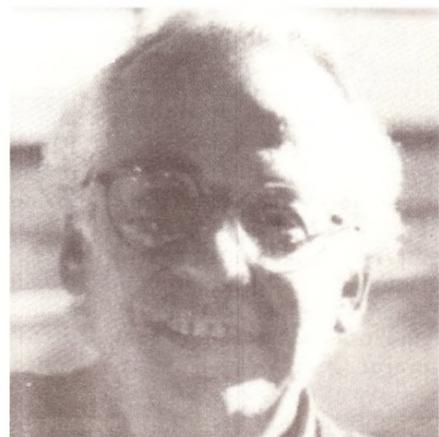
CACTO CUBISTA. No poema "Cacto", de Bandeira, aponta, há procedimentos poéticos que procedem do Cubismo pictórico; ao mesmo tempo, o cacto, enquanto motivo paisagístico, aparece constantemente na obra de Tarsila do Amaral; é também pelo cacto que a pintura de Lasar Segall, que vem para o Brasil nesta época, se abrange, criando-se uma tensão entre o motivo brasileiro e o procedimento cubista, ou outro, que vem do estrangeiro. No fundo, diz Davi, o que precisamos investigar é como os modernistas juntam diferentes fatores na produção de uma "outra coisa", de uma nova forma.

Davi assinala ainda a falta de uma historiografia geral sobre o período, quando começa o processo de modernização do país. Por exemplo, diz, como explicar o surgimento de um romance como *Os ratos* (publicado em 1935), de Dionélio Machado, no sul do país, sem levar em conta a abertura à experimentação que os modernistas levaram para a arte, a liberdade de pesquisa de que fala Mário na sua evocação crítica do Movimento e da semana em 1942?

FALAR COLOQUIAL. O Modernismo trouxe a liberdade de adesão ao falar coloquial na arte, coisa que ela não tinha antes, e trouxe isso para o bem e para o mal. Na década de 20 a poesia escolheu um rumo: forjar uma língua literária imitando o falar coloquial e cotidiano, num programa de adaptação da linguagem a uma realidade. O Modernismo, propõe Davi, foi em busca de uma tradição própria, garimpando coisas que não estavam em circulação, mapeando a sensibilidade caipira, coisas que não estavam no território da arte, buscando mitos laterais aos dos centros hegemônicos, como na busca do passado mineiro, nordestino, ou outro. O modernismo, para Davi, foi um movi-

mento amplificador da consciência da nossa realidade histórica e daquilo que deve ser considerado literário. Algo de muito profundo devia estar acontecendo, diz, para Manuel Bandeira escrever um poema "tirado de uma notícia de jornal", com sua forma simples, pobre, despojada, "uma forma pobre-diabo em arte". Davi volta a retomar o poema "Cacto", que, segundo ele, desenha um "símbolo do sofrimento universal", lembrando passagens da Divina Comédia de Dante e o grupo escultórico do Laocoonte, e que ao mesmo tempo "é um monstro de beleza moribunda resistindo ao avanço da cidade", um símbolo do nordestino migrante, dado bruto da realidade brasileira, e assim cria um símbolo do sofrimento universal associado à resistência ética a esse mesmo sofrimento, da resistência moral que se opõe ao desastre físico, coisa que vem da paisagem humilde própria do poeta. "A Semana e o Movimento", diz Davi, "são um afloramento de transformações muito profundas que ocorrem no Brasil naquele momento. A compreensão do Modernismo continua sendo um desafio, não só pelo amplo painel regional, pela diversidade das personagens, mas também porque mexeu com todos os aspectos da vida humana no Brasil". É através do conhecimento mais acurado das particularidades do Movimento que vamos aprender, conclui, "aquilo que está vivo ali, os necessários estímulos para o presente. Que o Brasil precisa de estímulos".

ENTREVISTA A FLÁVIO AGUIAR



Davi: nostalgia válida



Portinari



Tarsila



Pagu



Oswald

Hoje ninguém nega a alma, a paixão, a beleza e a longevidade da Semana de Arte Moderna de 22. Seus efeitos foram crescendo e se espalhando aos poucos, levados, primeiro, por seu espírito polêmico de contestar o “velho” e afirmar o “novo”, que foi sedimentando uma nova forma de tradição; um Brasil até então não reconhecido ganhava forma e fôro de cidadania artística. À mania de reconstruir cidades, que fizera arrasar o velho Rio, fazia fortunas em S. Paulo e ameaçava todos os resquícios coloniais do país, os modernistas opuseram a sua paixão pelo patrimônio histórico. Às antigas musas de papel do romantismo, ou às belezas meio marmóreas dos espíritos parnasianos, os modernistas opuseram a vida real e agitada das mulheres do movimento, na primeira vez que isto ocorria nestes pagos d’além mar. Ao invés da ordem e progresso, a saudável anarquia da velha Pindorama juntou-se ao rigor crítico para fazer-nos, de novo, uma mítica pasárgada de velharias e novidades.

Mário de Andrade



Elas estavam lá

Lá estavam, na Semana de 22. Basta ler o programa, que anuncia instrumentistas, pintores, além de uma dança pela senhorinha Yvonne Daumerie. Como instrumentista, o destaque fica mesmo para Guiomar Novaes, que tocou solos de piano, reunindo, na mesma tarde de 15 de fevereiro, um repertório que incluía, além de Brunet, Villa-Lobos e Debussy.

QUADROS DE ANITA. Se Guiomar Novaes tocou, Anita Malfatti mostrou seus quadros, vinte, alguns deles já conhecidos, os que integraram a sua exposição de 1917, considerada pelo nosso crítico Mário da Silva Brito como “o estopim do Modernismo”. Monteiro Lobato, que teve, apesar dos pesares, a coragem de ser sincero e manifestar sua insegurança pessoal diante dessa arte nova e incompreendida, colaborou assim e por linhas tortas para divulgar o sucesso de Anita.

Zina Aita também compareceu, com oito obras, pintora que, quando expôs no Palácio das Indústrias, ganhou crítica de Sérgio Milliet, que afirmou: eram quadros de “originalidade discutível”, porém “interessantes”.

AS MULHERES DA CARAVANA. Como se já não bastasse a arte inovadora de Anita, quatro meses depois da Semana chega Tarsila, que nos próximos anos vai crescer profissionalmente. Viaja com a “caravana paulista”, de que fez parte outra mulher famosa do Modernismo: Dona Olívia Guedes Penteadó. Dona Olívia, a “Nossa Senhora do Brasil”, como a chamava Oswald, que teve o mérito de promover reuniões célebres com pessoas ligadas à nova arte, ou na sua Fazenda Santo Antônio, ou no seu palacete na rua Conselheiro Nébias, em São Paulo, que ganhará um “Pavilhão Modernista” decorado por Lasar Segall com obras dos nossos brasileiros e quadros de Picasso, Léger, Lothe, Brancusi, Braque...

MARIDO ABAPORU. Tarsila passa pelo movimento Pau Brasil com invejável sucesso. E abre as portas da Antropofagia, praticamente batizando o movimento com o seu famoso **Abaporu**, quadro que deu de presente de aniversário ao marido, Oswald, em 1928.

Mas antes do Pau Brasil e da Antropofagia, ainda em 1923, Mário de Andrade cita cinco pintoras importantes. “Anita, muito superior às outras”. Tarsila, “cuja evolução nestes últimos tempos é surpreendente”, Zina Aita, “de primeira ordem nos trabalhos decorativos”. E mais duas, com restrições, Georgina de Albuquerque e Regina Veiga. E afirma, categórico: “as mulheres tomaram decididamente para si o lugar importante na pintura nacional”.

E A LITERATURA? Patrícia Galvão, ou Pagu, no final da década, adere às incontroláveis pulsões do moderníssimo Oswald, com quem se casa

em 1930 e inaugura uma prosa dinâmica, com forte apelo visual. Nos anos 30 afirma sua militância política: escreve crônicas, um romance sobre o movimento de esquerda, **Parque Industrial**, de 1933, e sofre muito na prisão. Pagu marca, assim, o comportamento vanguardista da mulher liberada, do ponto de vista afetivo, sexual e político. A duras penas.

Mas as mulheres escritoras, tão importantes como as pintoras modernistas, não apareceram nos anos 20. Chegaram depois. Quando? Nos anos 30, com Rachel de Queiroz. Nos anos 40, com Clarice.

NÁDIA BATTELA GOTLIB
Professora de Literatura Brasileira da Universidade de S. Paulo

Mário por Mário

Em 1942 Mário de Andrade pronunciou famosa conferência chamada de “O Movimento Modernista”, no Rio de Janeiro, comemorando os vinte anos da Semana, onde fez um balanço crítico extremamente rigoroso do evento e de seus efeitos para a cultura brasileira, continuando a tradição de rigor na crítica consolidada pelos próprios modernistas. Seguem-se alguns trechos:

“Mas como tive coragem pra dizer versos diante de uma vaia tão bulhenta que eu não escutava no palco o que Paulo Prado me gritava da primeira fila nas poltronas?... Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?(...)”

“...E se aguentei o tranco, foi porque estava delirando. O entusiasmo dos outros me embebedava, não o meu. Por mim, teria cedido. Digo que teria cedido, mas apenas nessa apresentação espetacular que foi a Semana de Arte Moderna. Com ou sem ela, minha vida intelectual seria o que tem sido (...)”

A seguir, Mário conta que levou para casa um Cristo em bronze de Victor Brecheret:

“... A notícia correu num átimo, e a parentada que morava pegado, invadiu a casa pra ver. E pra brigar. Berravam, berravam. Aquilo era até pecado mortal! estrilava a senhora minha tia velha, matriarca da família. Onde se viu Cristo de trancinha? era feio! medonho! Maria Luísa, vosso filho é um “perdido” mesmo. Fiquei alucinado, palavra de honra. Minha vontade era bater. Jantei por dentro, num estado inimaginável de estraçalho. Depois subi para o meu quarto, era

noitinha, na intenção de me arranjar, sair, espalhar um bocado, botar uma bomba no centro do mundo. Me lembro que cheguei à sacada, olhando sem ver o meu largo. Ruídos, luzes, falas abertas subindo dos choferes de aluguel. Eu estava aparentemente calmo, como que indistinto. Não sei o que me deu. Fui até a escrivaninha, escrevi o título em que jamais pensara, “Paulicéia Desvairada”. O estouro chegara afinal (...)”.

“...A burguesia nunca soube perder, e é isso que a perde. Se Paulo Prado com a sua autoridade intelectual e tradicional, tomou a peito a realização da Semana, abriu a lista de contribuições e arrastou atrás de si os seus pares aristocratas e mais alguns que a sua figura dominava, a burguesia protestou e vaiou. Tanto a burguesia de classe como a de espírito. E foi no meio da mais tremenda assuada, dos maiores insultos, que a Semana de Arte Moderna abriu a segunda fase do Movimento Modernista, o período realmente destruidor (...)”.

“... O que caracteriza esta realidade que o Movimento Modernista impôs é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional”.

BRASIL AGORA já tem 3.200 assinantes. Mas queremos mais, por isso estamos pedindo o seu apoio a esta **campanha nacional de assinaturas**. É muito fácil: preencha o cupom ao lado e envie pelo correio. Ou então assine pelos telefones (011)223.2974 e 220.7718.



ASSINE JÁ BRASIL AGORA ASSINE JÁ

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado a João Machado Borges Neto - Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Brasil Fones (011) 220.7198, 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME _____

END. _____

_____ Nº _____ APTO _____

MUNICÍPIO _____

FONE _____ UF _____ CEP _____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 19.000,00
- Assinatura para o exterior US\$ 50,00 (semestral)
- Assinatura de apoio Cr\$ 32.000,00
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 40.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$64.000,00

Você é historiador?

Eu não sou nada, sou um cara comum. Eu prefiro dizer que sou escritor, e me coloco mais como um trabalhador desempregado, porque no Brasil não existe dignidade para o trabalho. Sou torneiro em madeira, gosto de trabalhar em torno de madeira, mas não posso trabalhar nisso se não morro de fome, vou ganhar salário mínimo. Esse negócio de escrever livros, para mim é um acidente.

Como é que um cara que gosta de mexer com madeira se interessou por escrever livros?

Eu era jornalista e, no período da repressão militar, por minhas posições políticas, estava sempre perdendo o emprego. Num desses períodos de desemprego, peguei minha moto, saí andando à toa e fui para o Paraguai. Quando cheguei lá, tomei contato com o povo, comecei a estudar a história do país, percebi que a guerra tinha sido uma coisa terrível para eles, e resolvi escrever um livro.

Esse seu primeiro livro, *Genocídio Americano - a Guerra do Paraguai*, desmistificou a história oficial sobre o assunto. Ela registra o episódio como a participação do Brasil na derubada de um ditador, Solano López, e você mostrou o lado do genocídio. Como você se sente por ter feito isso?

Eu não sinto nada. Existe uma mistificação sobre o papel do intelectual. Eu só fiz um trabalho, que nem é pioneiro. Já no começo do século muita gente dizia que a guerra não era aquilo que a história oficial estava informando. Mesmo durante a guerra já havia uma posição contrária a ela no Brasil. Então, para mim, atribuir importância a isso é mistificar o papel do intelectual no país.

Mas seu trabalho de pesquisa contou com componentes que alguns outros não tiveram, como por exemplo montar numa motocicleta e andar pelo Paraguai.

Pois é, mas eu só fui de motocicleta porque não tinha dinheiro para ir de avião. Para os meus outros livros, ganhei dinheiro e fui de avião. Agora, o que o historiador oficial não faz é dar voz àquilo que conhece, porque eu duvido que esses historiadores desconhecem o que foi a guerra. Acontece que eles são a voz ideológica do sistema. É por isso que eu estou puto com o país, com os intelectuais. Intelectual não conhece povo, não tem cheiro de povo.

E o povo, você acredita nele?

Também não acredito em nenhuma entidade assim, mística, pré-determinada... Acho que o povo é muito paparicado no Brasil. Ele reflete as idéias dominantes, como já disse o velho Marx, que está em desuso, fora de moda. Ele já disse que as idéias dominantes são as das classes dominantes. Hoje o povo pensa o que a Rede Globo manda pensar. Um exemplo: quando a Miriam Cordeiro apareceu na televisão falando aquelas besteiras sobre o Lula, eu imediatamente pensei: agora o Collor perdeu a eleição, porque isso vai

JÚLIO JOSÉ CHIAVENATO

“O povo assimilou a canalhice de Collor”

Com mais de vinte livros escritos, entre eles o polêmico *Genocídio*

Americano - a Guerra do

Paraguai, Chiavenato mora num

bairro de classe média baixa de

Ribeirão Preto, onde deu esta

entrevista a Mouzar Benedito e onde

a população imagina que ele vive

às custas da mulher. Ali

Chiavenato é considerado ovelha

negra, porque ele é socialista e,

segundo diz, a vizinhança vota

toda na direita e tem medo do

socialismo, achando que perderia

as casinhas que herdaram.

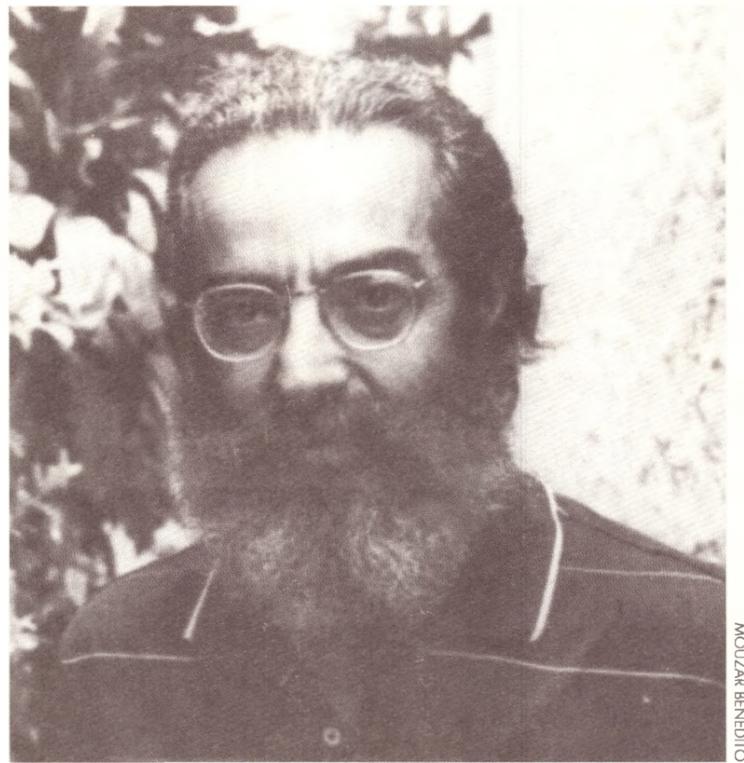
contra qualquer princípio ético, é a canalhice posta a nu; esse Collor se revelou um canalha, porque invadiu a intimidade mais íntima, não tem o mínimo de respeito humano. E o que aconteceu? O povo assimilou a própria canalhice. O Collor é oportunista e o povo também está sendo.

E sabendo que está sendo oportunista?

Sabendo sim! As esquerdas têm pecado por ignorar isso e paparicar demais o povo. O povo

não tem que ser paparicado não, tem que ser tratado a patadas, quando se mostra reacionário como tem se mostrado no Brasil. Outro mito é que o povo é desinformado. Mentira! Nessa campanha eleitoral, a informação foi maciça, o povo teve todo tipo de informação, o próprio Collor se mostrou tal qual ele é: um sujeito prepotente, valente, voluntarioso, mal-educado... e o povo preferiu isso!

Como foi também o próprio povo que preferiu Hitler e



“O povo não deve ser paparicado, mas tratado a patadas, quando se mostra reacionário.”

Mussolini, que foram eleitos.

Você tem uma postura bem crítica em relação ao comportamento da população, mas seus livros sempre expressam pontos de vista “populares”.

É evidente. É impossível eu não me sentir parte do povo, pela minha própria condição social. Acredito que um dia o povo vai reverter essa situação.

Você acaba de escrever um livro sobre Colombo e o “descobrimento” da América. O que acha das comemorações oficiais do descobrimento e as contra-comemorações feitas por movimentos da esquerda, índios e negros?

Desde 1792 se comemora o “descobrimento”. A partir daí começou a pancadaria no Colombo. Em 1892 a pancadaria foi muito maior do que hoje, porque foi o ano em que ele estava prestes a ser beatificado, e surgiu um problema: intelectuais ortodoxamente católicos argumentaram junto ao papa que ele não podia ser beatificado porque viveu “em pecado” com Beatriz Enriquez. Foi amante dela e não casou. Aliás, foi amante de outras também, e não casou com nenhuma. Então, ele só não foi beatificado porque “viveu em pecado” com a Beatriz Enriquez. Todo o massacre de índios a Igreja aceitou.

A reação do pessoal historicamente reprimido, índios e negros, eu acho válida, mas em certo momento é ingênuo, porque acaba-se gastando uma energia enorme numa briga que não vai levar a nada. O mito do descobrimento, o mito de Colombo, é uma coisa já completamente desmoralizada. A festa da direita dura pouco, e a energia gasta contra ela poderia ser dispendida noutro sentido. Em vez de lutar por uma causa mais próxima e mais prática, perde-se tempo em reagir, enquanto o que precisa ser feito é agir. Hoje a esquerda, em vez de agir, só reage.

Reage contra isso, contra

aquilo. É preciso partir pra ação.

E o que seria partir para a ação hoje?

Aí vão me considerar um sujeito completamente defasado, porque eu sou socialista e hoje em dia isso é pecado, é kitsch, é de mau-gosto. Se você for ler a *Folha de S. Paulo*, então, ser socialista em público é pior do que ter mau-hálito. Pois continuo acreditando nos princípios básicos do socialismo e critico todos os totalitarismos. O básico ainda é a luta de classes.

A Organização Mundial de Saúde tem uma estatística que diz que 5.400 crianças morrem de fome por dia, no Brasil. O capitalismo fracassou, não tem condições de dar dignidade nem ao operário mais qualificado do Brasil, que é o do ABC paulista.

Mas o clima político hoje é de que só o socialismo fracassou.

Pois é, veja essa campanha de ridicularização das pessoas que foram a Cuba se solidarizar com o povo.

Tratam Cuba na imprensa como se fosse o Haiti. tratam Fidel Castro como um assassino, porque existe a pena de morte lá, muito esporádica hoje; mas nos Estados Unidos quase que mensalmente mata-se alguém na cadeira elétrica. Não passa pela cabeça da imprensa que Bush é um assassino que autorizou inclusive a Guerra do Golfo, que foi tratada como uma guerra de brinquedo, de videogame, mostrando-se não o horror da guerra, mas a maravilha dos aviões eletrônicos.

Para terminar, fala-se em Brasília que o governo vai criar um museu para as camisas que o Collor usa nos fins de semana, com aquelas mensagens dele. Se você no futuro fosse estudar as camisas do Collor, o que pensaria da época atual?

Olha, nem sei. É uma coisa patética. O governo Collor é uma coisa desesperadora, não só pelo governo em si, mas pela passividade do povo.



BRASIL AGORA

